CÂNDIDO



20

MARÇO 2013 www.candido.bpp.pr.gov.br

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

As apostas da crítica

Quinze especialistas indicam os dez escritores mais promissores da literatura brasileira contemporânea



EDITORIAL

século XX certamente representou um período de grande afirmação para a literatura brasileira. Desde a publicação de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, em 1902, a cada década dos anos 1900 grandes autores e livros surgiram para estabelecer os alicerces da tradição literária brasileira. Foi o século do Modernismo, da Geração de 45 e das vanguardas. De escritores como João Guimarães Rosa, Dalton Trevisan, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Nelson Rodrigues, Manuel Bandeira e tantos outros criadores fantásticos. E agora, no século XXI, o que podemos esperar?

A ideia de fazer uma enquete sobre os nomes mais promissores da literatura brasileira contemporânea, aqueles escritores que caminham para escrever seus nomes e obras na história, também serviu de mote para discutir como anda a ficção atual, quais são as preocupações dos autores, seus temas e personagens e se há, nesse grupo de escritores listados pelos especialistas consultados pelo **Cândido**, alguma conexão, traços em comum que os abarquem em torno da palavra geração.

A pauta também se desdobra em textos que discutem o conceito de clássico e de cânone, duas palavras bastante recorrentes quando se fala em literatura e que têm, ambas, definições variadas.

A edição ainda traz uma grande entrevista com o poeta baiano Ruy Espinheira Filho, que completa quatro décadas de poesia com a coletânea *Estação infinita e outras estações*, obra que reúne poemas publicados ao longo de mais de 20 livros. A pedido do **Cândido**, Alexei Bueno, outra importante voz da lírica brasileira, conversou com Espinheira Filho sobre a vasta e prolífica caminhada poética do baiano.

Na seção de inéditos, Severo Brudzinski vai "Em busca de Curitiba" com o conto "Até que o dia amanheça". Outro contista, Luís Roberto Amábile, faz sua estreia nas páginas do **Cândido** com "O herói peludinho". Assim como os poetas Joca Reiners Terron e Bárbara Lia.

Boa leitura.

CARTUM

DAHMER

CRÍTICOS ESCOLHEM OS PRÓXIMOS GRANDES ESCRITORES

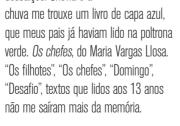


- Ele escreveu um livro que ninguém entende com apenas 30 anos de idade.

BIBLIOTECA AFETIVA

Chovia em Itanhaém.

Na casa de praia não
havia televisão e a chuva
daquele fim de semana
levou o mar, a praia,
o esperado futebol de
fim de tarde em pés
descalcos. Chovia e a



Carlos Eduardo de Magalhães é autor de Mera fotografia (1998), Os jacarés (2001), O primeiro inimigo (2005) e Dora (2005), entre outros. Também atua como editor da Grua Livros. Vive em São Paulo (SP).

Dentro do rock só teve uma edição nacional (em 1986) e não sei dizer se gosto porque é legal, porque só li uma vez ou porque há anos o procuro pelos sebos da cidade mais ou menos como Mel Gibson

perseguindo *O apanhador no campo de centeio* em "Teoria da conspiração". O livro é uma seleção de entrevistas com compositores como Bob Dylan, Van Morrison, Bruce Springsteen, Tom Waits e Joni Mitchell e o tema central não está no artista, e sim na maneira como foram criados os personagens das canções.

Giancarlo Rufatto é músico e criador do blog 50 discos para Cecília. (www.50discosparacecilia.tumblr.com/)

EXPEDIENTE



Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná







Governador do Estado do Paraná: Beto Richa Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

Redação

Marcio Renato dos Santos, Omar Godoy, Thais Oliveira e Tatjane Garcia.

Fotografia:

Kraw Penas

Projeto gráfico e diagramação:

Versão Design

Colaboradores desta edição:

André Dahmer, Alexei Bueno, Bárbara Lia, Diego Gerlach, Fabiano Vianna, Felipe Rodrigues, José Aguiar, José Marconi, Joca Reiners Terron, Luís Roberto Amábile, Nina Moraes, Severo Brudzinski e Wilton José Marques.

Contato:

imprensa@bpp.pr.gov.br — (41) 3221-4974 www.candido.bpp.pr.gov.br / www.bpp.pr.gov.br

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba - PR Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h Sábado: 8h30 às 13h Contato: (41) 3221-4900

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.



CURTAS DA BPP

Um Escritor na Biblioteca 2013 abre com Ignácio de Loyola Brandão

Ignácio de Loyola Brandão é o convidado do primeiro encontro do projeto "Um Escritor na Biblioteca" em 2013. O bate--papo acontece em 3 de abril, às 19h, no Auditório Paul Garfunkel da Biblioteca Pública do Paraná. Loyola Brandão publicou mais de 40 livros, dentre os quais Não verás país nenhum, Zero e Bebel que a cidade comeu. Um dos mais importantes escritores brasileiros, o autor recebeu o prêmio Jabuti duas vezes. Vários de seus livros fo-



ram traduzidos para outras línguas, entre elas o italiano, o inglês e o alemão. Atualmente, Loyola Brandão é cronista no jornal O Estado de São Paulo. O projeto "Um Escritor na Biblioteca" foi retomado em 2011 e já contou com a presença de quase 20 autores. A programação ainda terá Roberto Gomes (maio), Ronaldo Correia de Brito (junho), Bernardo Carvalho (julho), Michel Laub (agosto), Marcelo Backs (setembro), Paulo Scott (outubro) e Luci Collin (novembro).

Revista Helena desvenda colonização do Oeste e Sudoeste paranaense

A Secretaria de Estado da Cultura do Paraná lança neste mês a terceira edição da revista de história e cultura Helena. Depois de retratar as peculiaridades do Norte paranaense, a publicação se dedica ao Oeste e ao Sudoeste do Estado, resgatando as memórias de figuras importantes para o desenvolvimento dessas regiões. Formada por escritores, acadêmicos, jornalistas, fotógrafos e artistas gráficos, a equipe de

colaboradores registra os mais diversos aspectos da civilização formada às margens do Rio Paraná. Nomes como Domingos Meirelles, Paulo Markun, Aluísio Palmar, Sérgio Sade e Caco Galhardo participam da edição. A nova Helena traz artigos sobre a questão indígena, os conflitos políticos e agrários que marcaram a colonização do Oeste, a transformação de Foz do Iguaçu em polo de consumo e o multiliguismo na Tríplice Fronteira, entre outros temas. Destaque também para um painel fotográfico e poético sobre Sete Quedas. Com tiragem de 5 mil exemplares, a revista tem distribuição gratuita e é dirigida a bibliotecas e instituições culturais de todo o Brasil.

Internet na BPP

Já está disponível a rede wireless de acesso à internet da Biblioteca Pública do Paraná (BPP). Usuários e funcionários podem conectar computadores, tablets e celulares ao sistema sem fio gratuitamente. A infraestrutura da rede é composta por 30 rádios (roteadores) dispostos em todos os pisos do prédio. Para se cadastrar e receber uma

senha de acesso, o usuário deve comparecer ao Balcão de Informações, no hall térreo, portando seu RG. O código é válido por 24 horas, a partir do momento do cadastro. O registro pode ser feito de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h, e aos sábados, das 9h às 12h30. Entre as 18h e às 19h30, em dias úteis, o cadastro é realizado na Seção de Circulação e Empréstimo, no setor de Inscrição de Usuários.



Livro-reportagem

O jornalista Osny Tavares, desde 2009 atuando na Gazeta do Povo, estreia no mercado editorial. No dia 21 de março, a partir das 19h, ele autografa — no Museu Oscar Niemeyer — o livro-reportagem A quatro punhos — A história real de Macaris e Rosilete, um casal de boxeadores com um sonho em comum. A obra, publicada pela Editora ComPactos, tem 288 páginas e tiragem de dois mil exemplares. "É uma reportagem literária sobre os boxeadores Macaris do Livramento e Rosilete dos Santos. O trabalho foi realizado ao longo de um ano, a partir de mais de 100 horas de entrevista com o casal e com outras 30 pessoas", afirma Tavares.



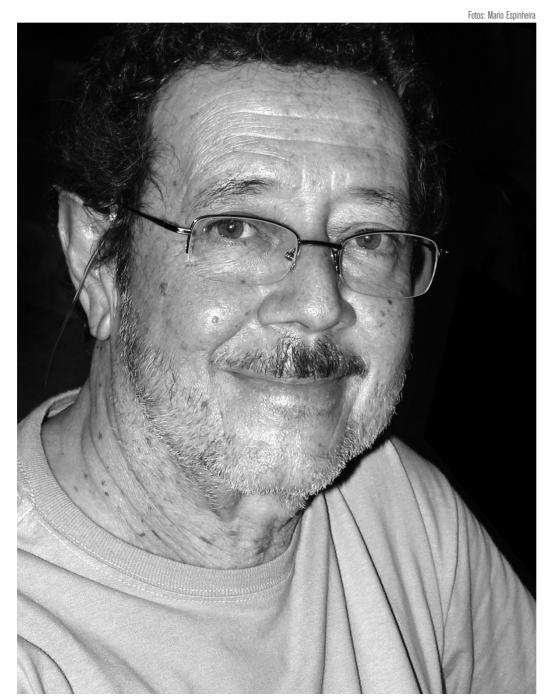
A Maringá de John dos Passos

O Brasil em movimento, do escritor norte-americano John dos Passos (1896-1970), foi reeditado pela Editora Benvirá e já está disponível nas livrarias. Publicado originalmente em 1963, o livro traz as impressões das viagens que o autor fez pelo Brasil em 1958 e em 1962. Um dos capítulos mais interessantes tem como título "A poeira vermelha de Maringá" e mostra a impressão que John dos Passos teve da cidade paranaense. No início do capítulo, uma citação à BPP: "Em Curitiba, cidade agradavelmente letrada com uma bela biblioteca pública e todo um antecedente de publicação e pesquisa histórica, conheci um dos netos do Klabin".

Teatro

Estão abertas, até 20 de março, as inscrições para o Núcleo de Dramaturgia Sesi Teatro Guaíra 2013. O Núcleo é um projeto educacional voltado para a descoberta e o desenvolvimento de novos dramaturgos e o aperfeiçoamento e reciclagem de dramaturgos não iniciantes. A orientação é de Roberto Alvim, Antônio Rogério Toscano e Ruy Filho. As inscrições são realizadas pelo site www.sesipr. org.br/nucleodedramaturgia.

"Sem a metafísica não chegamos às essências"



A pedido do **Cândido**, Alexei Bueno entrevistou Ruy Espinheira Filho, um dos poetas mais expressivos em atividade no país, que acaba de ter toda a sua produção poética reunida em um único volume

lançamento de Estação infinita e outras estações, no final de 2012, marca um dos grande eventos da poesia brasileira dos últimos anos: a publicação da poesia reunida de Ruy Espinheira Filho, sem qualquer dúvida, um dos mais altos entre os nossos poetas, no mesmo momento em que se comemoravam os seus 70 anos de vida. Mais antigo e mais puro dos gêneros literários, a poesia, justamente por sua maior independência de aspectos histórico-sociológicos ou da narratividade, é também o mais irredutível a uma simples apreciação racional, o que maior sensibilidade específica exige do leitor no ato de sua apreensão, aquele, enfim, sobre o qual é mais difícil falar. De toda forma, o baiano Ruy Espinheira Filho fala sobre a sua poesia, além de recuperar os primeiros passos como poeta. Ele também comenta a adversidade de ser um autor que está fora do Sudeste e reflete sobre a situação da cultura, da poesia e da crítica literária no Brasil, entre outros assuntos.

Em Estação infinita e outras estações você reúne uma obra que vem de Heléboro, o seu primeiro livro, publicado em 1974, até a atualidade. Como ninguém, em sã consciência, publica sem antes haver muito escrito, julgo poder falar que o livro reúne ao menos meio século de exercício poético. Apesar de o autor estar numa posição complexa para analisar a própria obra, penso que tal fato não impede que, sob certos aspectos, ele tenha dela uma visão privilegiada. Apesar de sua poesia apresentar uma unidade notável dentro de sua variedade, quais as mudanças formais e de fundo que você julga mais marcantes nesse correr de meio século?

Alguns críticos disseram que minha poesia já apareceu madura, em Heléboro. Na verdade, um ano antes, 1973, dividi um mini-livro de 34 páginas, intitulado Poemas, com Antonio Brasileiro, com composições que viriam a aparecer em meu primeiro livro individual. Quanto à minha possível maturidade poética logo no início, é bom que se leve em conta que comecei a publicar já com 30 anos, no mini-livro, e que a estreia teria sido bem diferente se ocorrida antes, o que me livou de aparecer com obra que certamente rejeitaria depois, como aconteceu com vários poetas. A demora não foi, porém, resultado de sabedoria ou prudência de minha parte, mas simplesmente por não haver dinheiro para publicar livro. O Heléboro só veio a sair porque eu ganhara dois prêmios literários, mesmo assim feito numa gráfica mais barata de Feira de Santana, conseguida por Antonio Brasileiro, que cuidou de toda a edição de 500 exemplares, A crítica brasileira vem atravessando um dos seus piores momentos. Hoje, pelo que vejo, os que se dizem críticos preferem falar dos amigos, da sua igrejinha literária."

escreveu o prefácio e ainda desembolsou uma grana própria para plastificar a capa. Quanto a mudanças formais, o que houve foi cada vez maior conhecimento técnico, aprofundamento nas leituras de poetas e crítica, que me possibilitaram escrever poesia em formas diversas, do dificílimo verso-livre, que pouca gente sabe fazer, até chegar à nobre forma do soneto. Quanto ao fundo, como diz você, acho que permaneceu o mesmo, apenas tornado mais profundo e vasto, porque, de modo geral, sempre escrevi com o que sou, isto é, com meus sentimentos e minhas refexões, o que significa a condição humana, a perplexidade do homem diante do tempo, da vida e da morte. Claro que, nesse meio, como bem notou Miguel Sanches Neto, com as belas experiências da amizade, do amor e das esperanças.

Sempre me chamou atenção, em sua poesia, a grande liberdade formal na qual ela foi vazada, ou seja, uma plena liberdade de lançar mão do verso livre ou da forma fixa, do poema longo ou do curto, de rimas toantes ou consoantes, etc., uma liberdade que surgiu entre nós com o amadurecimento do

Modernismo, para depois, a partir dos anos de 1950, ser severamente solapada pelos sectarismos vanguardistas, sempre dogmáticos e messiânicos, que ainda contam, diga-se de passagem, com epígonos entusiasmados. É a mesma liberdade formal que, só como exemplo, encontramos em figuras monumentais da poesia brasileira do século XX como Manuel Bandeira, Cecília Meireles ou Carlos Drummond de Andrade, assim como em Jorge de Lima. Gostaria que você comentasse esta minha observação.

É claro que estou ligado também às grandes lições dos clássicos, mas sem dúvida sou herdeiro direto dos autores que você cita e, em particular, das grandes lições de Mário de Andrade. Aliás, quando escrevi livros sobre poesia estudei três autores em especial: Jorge de Lima (O nordeste e o negro na poesia de Jorge de Lima, 1990), Mário (Tumulto de amor e outros tumultos — criação e arte em Mário de Andrade, 2001) e Bandeira (Forma e alumbramento — poética e poesia em Manuel Bandeira, 2004). Com tais autores aprendi a escrever com a variedade formal a que você se refere. Quanto aos "modernosos" dos anos 1950, acho

ENTREVISTA | RUY ESPINHEIRA FILHO

que foi um atraso inominável. Para encurtar a conversa a este respeito, na introdução de meu ensaio sobre o Mário de Andrade cito Antonio Candido falando sobre a indigência daquela produção, vendo-a como (pego o volume e transcrevo o trecho) uma "barragem que será estourada quando as correntes represadas da inspiração adquirirem, na experiência individual e coletiva, energia suficiente para superar as atuais experiências técnicas, mais de poética do que de poesia". Bem, não foi fácil, mas a inspiração dos verdadeiros poetas acabou arrebentando mesmo a infeliz barragem, da qual só sobreviveram tristes fragmentos cultuados em alguns bolsões de miséria intelectuais e lírica.

Você corrige ou modifica os seus poemas quando um livro seu esgota e se faz necessária uma nova edição?

Faço correções também, mas muito poucas, depois da obra publicada. Antes, porém, corrijo muito. Antigamente destruía poemas aos montes, às centenas, hoje não porque se o poema não estiver funcionando bem nem chega a acabar de ser escrito. E tenho também o cuidado de não deixar juntar lixo nas gavetas, nem no computador, para não correr o risco de uma publicação depois da minha morte, como a gente tanto vê por aí.

Creio que uma das questões mais graves entre as que envolvem a literatura brasileira, ao lado de uma crescente insuficiência da crítica, é a dos guetos regionais, a tarefa hercúlea que autores nascidos fora do Sudeste têm para se firmar nacionalmente, enquanto outros, flagrantemente inferiores, mas geopoliticamente mais bem situados, se beneficiam da situação inversa. Sendo você, indubitavelmente, o poeta baiano de sua geração que melhor ultrapassou tais dificuldades, o que você comentaria a respeito disso?

Sim, a crítica brasileira vem atravessando um dos seus piores momentos, com raríssimas exceções. Hoje, pelo que vejo, os que se dizem críticos preferem falar dos amigos, da sua igrejinha literária, ou, em muitos casos, apenas do próprio umbigo. Quanto aos que estão longe dos chamados centros culturais, a luta é realmente bem mais dura — e o resultado mais frequente é a derrota. Qualquer poetinha medíocre do Sudeste, por exemplo, é muito mais conhecido do que poetas admiráveis do Nordeste, até mesmo do que alguns que já são clássicos, como Carlos Pena Filho e Sosígenes Costa. No meu caso, a dureza foi extrema, pois sempre vivi na Bahia, onde não há particamente nenhuma oportunidade para nada, sobretudo na área de literatura. Mas os meus livros foram encontrando bons leitores, escritores e críticos, pois sempre os enviei a quem achava que valia a pena. Meu primeiro livro abriu-me caminho na Civilização Brasileira por eu ter enviado um exemplar ao Mário da Silva Britto, que não me respondeu, mas gostou e emprestou o volume ao Ênio Silveira, que o leu e, quando, mais adiante, procurei-o para editar um volume de crônicas, fez-lhe elogios e disse que se a minha prosa fosse como a minha poesia, ele editaria o livro, o que ocorreu meses depois. E também houve os prêmios como o Cruz e Sousa, em 1981, depois



vários outros até a consagração do Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras, em 2006, e, no mesmo ano, um segundo lugar no Jabuti, do qual fui finalista mais três vezes. Não foi nada fácil, batalhei e sofri bastante, mas acabei me dando melhor do que muita gente do Sudeste, a ponto de chegar a uma tão honrosa entervista como esta.

A poesia é o menos popular dos gêneros literários, o que mais exige uma empatia quase criadora da parte do leitor, por motivos mais ou menos óbvios. Há homens de grande cultura e inteligência, críticos inclusive, que são simplesmente surdos à poesia, como há aqueles que são surdos à música. Por

isso mesmo, a crítica deveria ter, em relação à poesia e seus leitores, um papel ainda mais importante do que tem em relação à ficção ou à ensaística, embora o contrário é que se constate. O que você diria a respeito?

Sim, a crítica de poesia é particularmente difícil, muitos bons críticos de prosa se equivocam imensamente com ela. É um tipo de leitura especial, que exige sensibilidades especiais. Não que o leitor de poesia tenha que ser obrigatoriamente um erudito, longe disso. Tendo sido criado no interior da Bahia, conheci grandes apreciadores de poesia, inclusive da mais sofisticada, cuja educação era precária. Por outro lado, conheço pessoas que estudaram bastante e são incapazes de chegar à poesia, inclusive na universidade, e inclusive também professores de literatura. Aliás, Paul Valéry observava que muita gente que não tem necessidade de poesia, nem ao menos gosta de poesia, muitas vezes se dedica a julgar a poesia, a ensiná-la, o que, acrescentava ele, "nos faz temer pelas consequências".

Apesar do patético ufanismo que o Brasil tem vivido nos últimos anos, somos um país de Terceiro Mundo, com um nível cultural deplorável. Quando falo de nível cultural, não me refiro às grandes massas, que em quaisquer países do mundo compartilham a mesma ignorância, antes refiro-me àquela parcela da população que recebeu uma educação formal, e que no caso brasileiro é de uma incultura assustadora. Não estou comparando o brasileiro médio com o fran-

cês médio, o russo médio ou o inglês médio, mas com o argentino, o colombiano, o peruano, por exemplo. Descrevo, é certo, uma experiência pessoal, mas muitas vezes reiterada. Até que nível essa miséria educacional brasileira em relação às humanidades é um desastre para a literatura?

O aviltamento de nossa educação é, de fato, uma tragédia. Ninguém sabe nada, não há mais memória, as pessoas se tornaram profundamente acríticas. Um amigo meu, numa reunião, foi emitir opinião sobre a qualidade de certas composições musicais e acabou acossado por várias pessoas que diziam não ter ele o direito de fazer juízo de valor porque, afirmavam elas, todas tinham o mesmo valor, pois cada um tem o direito de gostar do que quer e fazer crítica seria apenas manifestação de "preconceito". Pois é, qualidade não existe mais entre nós, daí a aceitação geral de qualquer droga, como acontece particularmente na música popular da Bahia. Clarice Lispector lamentava a baixa exigência do povo brasileiro, mas nunca esta baixa exigência foi tão abominável como nos últimos tempos.

Insistindo um pouco na questão anterior, houve uma herança do primeiro Modernismo, herança maldita para usar uma expressão da moda — que persevera até hoje em relação à poesia no Brasil, a demonização das formas fixas, coisa que não existe em nenhum lugar civilizado. Como sabemos, enquanto em todo mundo a poesia moderna — moderna, não Modernista — nasceu do Simbolismo, entre nós o Modernismo surgiu não como um desenvolvimento do Simbolismo, mas como uma reação ao Parnasianismo, escola que já estava morta e enterrada no mundo inteiro. Daí esse fato escabroso de milhares de leitores, ao se depararem com um poema metrificado, especialmente um soneto — e você é um grande sonetista — tacharem-no imediatamente de "parnasiano". É como se a métrica, com seus mais de três milênios de bom serviço, fosse apanágio dessa escola efêmera que só é reiteradamente lembrada no Brasil. No entanto, muitos dos maiores poetas do século XX, Rilke, Fernando Pessoa, Paul Valéry, Yeats, etc. etc., são autores de obras majoritaria-

Vários problemas surgiram por incapacidade de entender o Modernismo. Um dos equívocos, que continua poderoso, é o de se achar que escrever verso livre é, além de mais moderno, mais fácil. "

ENTREVISTA | RUY ESPINHEIRA FILHO

mente metrificadas. Não é difícil dedicar-se de corpo e alma à poesia no meio dessa miséria mental?

Pois é, vários problemas surgiram por incapacidade de entender o Modernismo. Um dos equívocos, que continua poderoso, é o de se achar que escrever verso livre é, além de mais moderno, mais fácil. Na verdade, é mais difícil, pois a criação de ritmos se faz muito complexa, o ouvido é muito mais exigido. E para que alguém possa escrever bem o verso livre tem que ser muito bom no verso medido. Manuel Bandeira, o primeiro a escrever bem o verso livre entre nós, costumava dizer que não confiava em poeta que não tivesse o verso medido "nas ouças". A imbecilidade dos que se lançam contra o verso medido não percebe isso — e por isso alguns dos poetas mais festejados do Brasil hoje sejam fazedores apenas de verso livre, ou do que chamam verso livre, o que fazem muito mal extamente porque não têm capacidade de metrificar um verso. Enfim, são autores bastante medíocres, que se valem da ignorância das pessoas e da mídia em geral para fazer sucesso, o que acaba obscurecendo poetas muitíssimo melhores do que eles.

Ainda retornando à questão da crítica: desde Sílvio Romero a crítica brasileira tende fortemente para um viés sociológico, o que, no caso da poesia, só pode, é evidente, conduzir a resultados lamentáveis. É como se nunca nos tivéssemos libertado do Positivismo, fato que a cada dia me parece mais verdadeiro. Se um poeta, como é o seu caso, tem certa atração temática

Bandeira dizia que fora influenciado por todos os autores que lera, eu não posso dizer algo diferente".

pelas bases inarredáveis do fenômeno da consciência, ou seja, a questão do tempo e da memória, ele está pronto para ser demonizado como "poeta metafísico", exatamente o que foram, aliás, os já citados Rilke, Fernando Pessoa, Paul Valéry, Yeats, Blok, aos quais poderíamos acrescentar Borges e inúmeros outros poetas geniais. Metafísico, e daí? É preciso escrever sobre coisas físicas — mas que separação ridícula e anacrônica entre mundos que se interpenetram — para ser bom poeta? Tal materialismo de botequim, vergonhosamente atrasado em relação mesmo à física moderna, não seria uma sobrevivência do nosso Positivismo fundador, aliado à incultura e à carência intelectiva? Como disse Roberto Campos, personagem pelo qual não tenho a menor simpatia, a burrice no Brasil tem um passado glorioso e um futuro promissor.

João Guimarães Rosa falava da metafísica para questionar exatamente o realismo da manipulação política. Ele dizia que a literatura, para ser literatura, tinha que ser metafísica, ou não passaria de linguagem referencial e dirigida por interesses meramente ideológicos. Aliás, a classificação universitária de certos autores como "realistas", não-metafísi-

cos, é um horror. Como você diz, insistem na separação ridícula, como se o homem não fosse tanto material quanto metafísico. Sem a metafísica não chegamos às essências, ficamos apenas no nível de programa pragmático. Eu espero, sinceramente, ser considerado um poeta cheio de metafísica, para não acabar com qualquer "Estêves sem metafísica", como aquele de Fernando Pessoa.

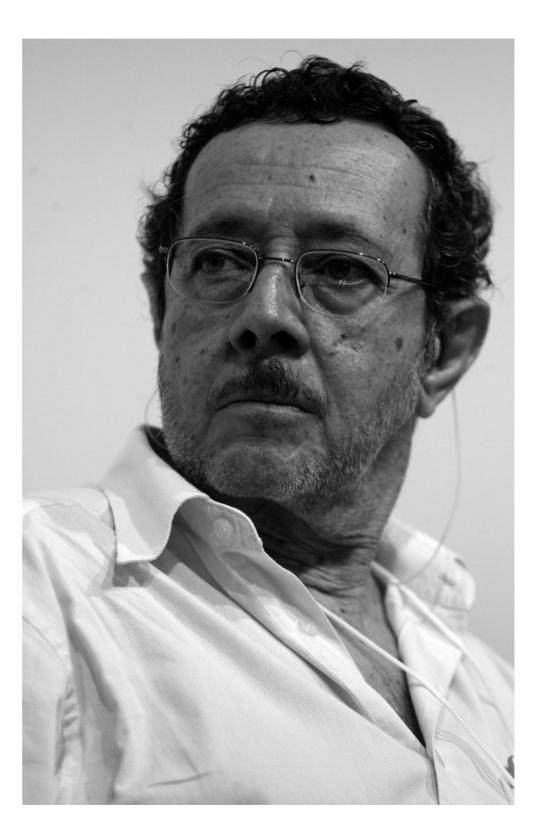
Após insistir na questão das categorias espúrias utilizadas pela crítica de poesia entre nós, às quais poderia acrescentar numerosas outras, gostaria que você falasse algo sobre a poesia baiana, os poetas da Bahia na segunda metade do século XX, vivos ou mortos, entre os quais sei perfeitamente de nomes de importância nacional que pouco apareceram além da já mencionada barreira regional.

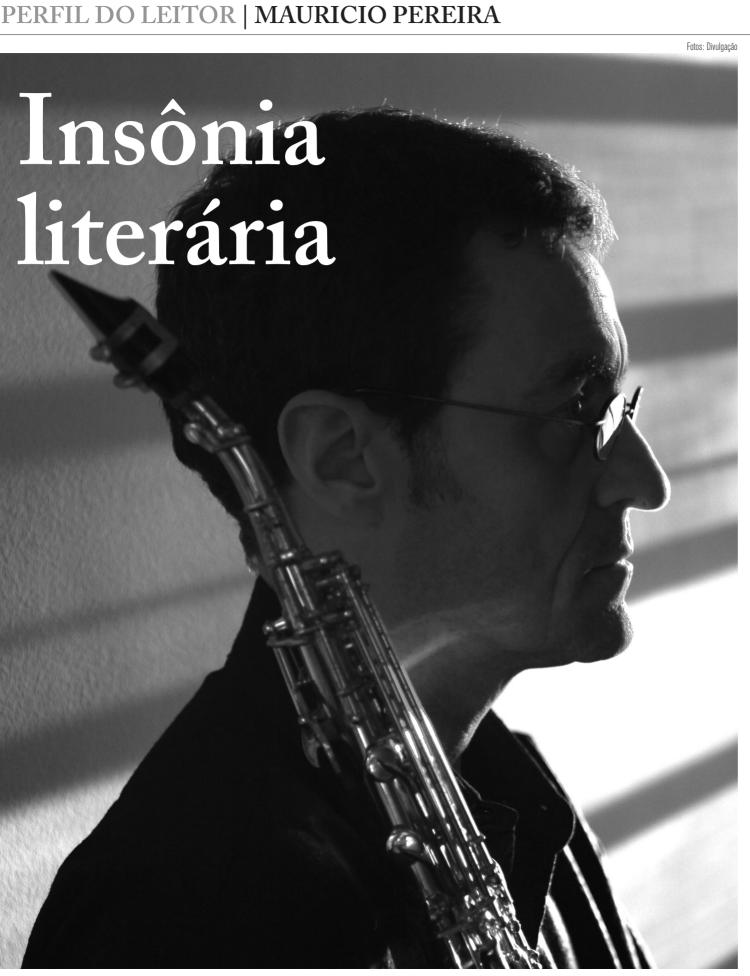
Não gosto de citar nomes porque a ausência de um pode suscitar ressentimentos. Mas, enfim, vamos lá. Dos baianos eu já citei dois — Antonio Brasileiro e Sosígenes Costa, bem diferenres entre si e ambos grandes. Temos vários outros de reconhecimento nacional, hoje, ao menos entre os verdadeiros leitores de poesia, como Florisvaldo Mattos, Myriam Fraga, Luís Antonio Cajazeira

Ramos, João Carlos Teixeira Gomes, Ildásio Tavares (recentemente falecido), Roberval Pereyr. Dois contemporâneos falecidos, Carlos Anísio Melhor e Affonso Manta, foram também grandes, do segundo organizei uma antologia que deverá sair neste semestre. Há também os mais novos, os que estão vindo, dos quais é difícil falar por motivos óbvios, pois sua obra está apenas em início. Infelizmente, a barreira a que você se refere persiste e alguns dos nossos melhores não são conhecidos fora daqui, alguns não o são mesmo aqui, pois culturalmente a Bahia se afunda cada vez mais.

Quais foram seus grandes companheiros mais velhos de caminhada lírica, desde a juventude, e quais a eles se acrescentaram depois?

Já falei dos grandes modernistas que me influenciaram. Alguns formam realmente uma família, são os chamados de cabeceira, como Olavo Bilac (sim, sem se conhecer o grande parnasianismo não se aprende a escrever bem e, além disso, Bilac, em parte da obra, foi uma romântico tardio), Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Mário de Andrade, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Mario Quintana, Fernando Pessoa, Baudelaire, Eliot, Auden... Bandeira dizia que fora influenciado por todos os autores que lera, eu não posso dizer algo diferente. Sim, é muita gente, sobretudo a partir de Homero. Obras admiráveis que jamais poderão ser inteiramente vividas pela minha breve e pobre existência humana.





Fã de Monteiro Lobato, Kurt Vonnegut e Paulo Leminksi, o músico tem aproveitado uma fase de noites em claro para se inteirar da literatura contemporânea brasileira

OMAR GODOY

ma insônia recente (e recorrente) reaproximou Mauricio Pereira da literatura. "A televisão e a internet me deixam ainda mais acordado, então eu pego um livro para tentar descansar", diz. Não que o músico paulistano, que se divide entre a carreira solo e a reencarnação da dupla Os Mulheres Negras (com André Abujamra), seja um leitor de primeira viagem. Pelo contrário: seu interesse vem da infância e sua biblioteca é variada — inclui de Monteiro Lobato a Kurt Vonnegut, passando por Paulo Leminksi, Jorge Luis Borges e Nelson Rodrigues, só para citar os prediletos da casa.

Mas o fato é que as noites passadas em claro nos últimos tempos acabaram motivando-o a ir além dos clássicos. Decidido a conhecer a produção contemporânea brasileira, Pereira visitou livrarias e arrematou alguns títulos de autores badalados do cenário. Entre seus destaques estão Daniel Galera ("Gostei da crueza do texto, há uma junção de melancolia e vazio"), Nuno Ramos ("Ele trata o ser humano como um amontoado de carne, sangue e ossos, ainda estou assustado com o que li") e João Gilberto Noll ("Sinto um prazer físico quando leio").

Por outro lado, ele faz questão de dizer que não há nada que deixa de ler por preconceito. E cita como exemplo

Fernanda Young. "Achei que não estava gostando do Vergonha dos pés durante a leitura. Só depois percebi que, além de ser muito bem escrito, o livro tinha mexido comigo de alguma forma, me causado um grande desconforto interno", conta. O músico ainda revela que encarou um Paulo Coelho, de quem sempre gostou como letrista. "O assunto não é chato, o problema é que o texto não me deu tesão. A biografia do Fernando Morais me agradou mais que o livro dele."

Também letrista, Pereira revela que escrevia poemas antes de formar Os Mulheres Negras, em meados dos anos 1980. Músicas como "Milho", "Cabeludas" e "Só Tetele", gravadas nos discos da dupla, surgiram nesse formato e inclusive foram publicadas em livrinhos impressos em mimeógrafo, quando o músico nem conhecia o parceiro André Abujamra. "Tentei fazer poesia até entender que só poderia ser levado a sério cantando. Literatura exige muita dedicação, o sujeito leva anos para escrever um livro. Letra de música já é um trabalho mais ligeiro, intuitivo, que permite transgredir a gramática com mais sossego", compara.

Seja como for, a poesia faz parte de seu repertório desde a época da faculdade de Jornalismo ("mal feita", segundo ele). Apresentado pelo colega de USP Walter Silveira (videoartista e homem de televisão) ao trabalho de Paulo Leminksi, o músico descobriu que "a rua poderia estar dentro de um livro". "Eu via a poesia como um negócio muito formal, meio piegas. Até que li o Leminksi e mudei totalmente o meu conceito. O texto era bruto e delicado, comercial e erudito, lírico e sucinto, nojento e espiritual. Logo tive a certeza de que ele e os poetas mais pop me representavam."

O músico acredita que esse tipo de poesia tem tudo a ver com São Paulo — uma cidade cuja cultura, segundo ele, é totalmente influenciada pela rua. "São Paulo não teve barroco. Também não teve salões, como o Rio de Janeiro. **Literatura** exige muita dedicação, o sujeito leva anos para escrever um livro. Letra de música já é um trabalho mais ligeiro, intuitivo, que permite transgredir a gramática com mais sossego"

É a terra do Adoniran Barbosa, dos Racionais, onde se fala uma língua que não é exatamente o português. Eu falo nesse dialeto paulistano, meio errado, sem plural. Acho que o paulista é povo que tem o menor vocabulário no Brasil."

A carreira como poeta foi descartada, no entanto Pereira ainda tem vontade de escrever um livro. No caso, um apanhado de suas memórias no palco e na estrada. "Vi muitas cenas luminosas nesses anos todos. Seria interessante até para eu entender o que encontrei no caminho. Só vou fazer se tiver tempo e achar que vale a pena", afirma o músico, que nos últimos dois anos também passou a emprestar a voz para inúmeras campanhas publicitárias.

Eu via a poesia como um negócio muito formal, meio piegas. Até que li o Leminksi e mudei totalmente o meu conceito. O texto era bruto e delicado, comercial e erudito, lírico e sucinto, nojento e espiritual"

"Esse trabalho com a 'palavra falada' vem me interessando bastante. Tenho buscado vídeos de leituras na internet, coisas como o [ator] Vittorio Gassman declamando poesia italiana. Há pouco tempo, fui convidado para uma noite de leitura da obra do Francisco Alvim, com a Alice Ruiz e o José Miguel Wisnik. Nunca tinha feito isso, fiquei apavorado, mas foi lindo, intenso. Quem sabe não é um novo caminho que possa explorar?", diz. ■

EM BUSCA DE CURITIBA | SEVERO BRUDZINSKI



ATÉ QUE UM DIA AMANHEÇA

llustração: **Fabiano** Vianna



ntes do primeiro homem já era noite nos Pinhais. Deus olhou para essa terra e determinou: aqui vampiros, fantasmas e licantropos. Refúgio de malditos, sugadores e anti--horários. Mas, pelo artifício maldoso do índio do Bairro Alto a vontade divina não se cumpriu e os carniceiros e faiscadores vieram se misturar aos entes mitológicos e montar seu comércio na Praça Tiradentes. Obviamente, foram todos amaldiçoados.

É noite, Severo está em pé sob o grande pinheiro central. Os eminentes de bronze o observam. Nem todos, é verdade, o mártir e o marechal dão as costas ao herói e ao nosso símbolo heráldico, enquanto Vargas e Constant o contemplam com respeito.

Severo olha para baixo, para os calabouços antigos. Recém-encontrados, mas antigos. Lugar soturno.

No subsolo os prisioneiros caminham de um lado para outro, apáticos. Guardados por uma lâmina de vidro, ficam em exposição pública como os leões do Passeio. Trajando domingueiras, aproveitam a lua.

Ao contemplar o alheio, não se observam grandes originalidades, salvo um ritual randômico. De repente fulano tira do bolso interno do paletó um pequeno caderno de notas. Escreve versos, projeta um viaduto, planeja um assalto, quem sabe? Rapidamente chega um que vigia com desinteresse, depois outro, mais outro, até que se aglomera uma multidão, onde quem está no fundo pergunta: a que horas sai o enterro?

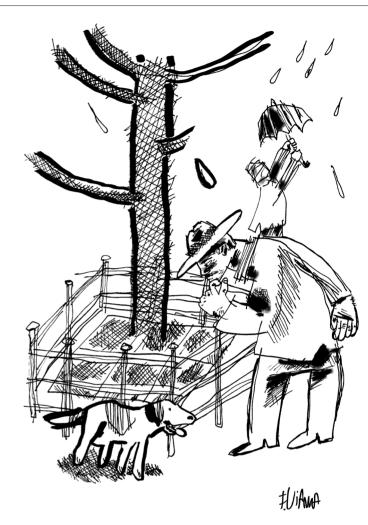
Com a maturação do escrito, plano ou processo, formam-se três círculos de interesse em torno do sábio. No primeiro, ao alcance do cuspe, ficam os sorridentes e cumprimentadores. Como se pode imaginar, eles sorriem e congratulam, sempre e somente, o homem que rascunha. No entanto, nada mais inflamado que um "bravo!" é dito. A seguir ficam os críticos silenciosos. Nessa classe de observadores, não se diz palavra. Os olhares são duros e descomprometidos. As características mais comuns são os óculos pensos na ponta do nariz, um quase e cínico sorriso nos lábios e as mãos ocultas nas costas. Não se observa o menor aceite ou negação. Vez por outra, um bocejo, nada mais. O terceiro círculo é o dos conspiradores. O lugar do ranger de dentes. A trapaça é o método e o ódio é a lei. Pequenos grupos se formam, depurando o golpe, interdição ou solução final.

Por mais que cada anel tenha seu atrativo, é no terceiro em que há movimento e paixão. É no terceiro que o conflito é evidente. É de onde partem as facas, as balas e as palavras de ordem. De repente, dois ou três membros somem da vista por um corredor estreito. Em instantes retornam acompanhados de um cidadão cujo uniforme lembra o dos agentes de segurança, com um "quê" de fiscal de obra. O funcionário se aproxima do grupo que abre para lhe dar passagem. Chega-se ao agitador e o repreende com veemência. Toma-lhe o livro de notas e o atira numa caixa cadeada com "biblioteca" escrito na lateral. Sai.

Outro funcionário, enorme troglodita, entra em cena e obriga o pensante a tirar as roupas e a subir na caixa. Sob pena de socos e pontapés, é levado a sorrir e segurar um cartaz onde se lê: aqui só vale o ouro.

Severo e o prisioneiro trocam olhares. Constrangido o outro reclama com seu opressor que faz sinal para que o observador se afaste. "Fora!", lê-se em seus lábios. Severo dá de ombros e caminha para o Oriente.

Ninguém na rua gélida. Nem táxi, nem ônibus, nem nada. Um dos relógios da catedral marca três horas. O outro, sem ponteiros. Súbito as portas do templo se abrem. Do interior, uma luz solar, intensa. Curioso, Severo se aproxima, ladeia o círculo de flores, vence os seis degraus em pedra e cruza o pórtico.



Assim como a rua, o prédio está vazio. A luz que escorre para fora vem de três imensos lustres de ferro envidraçados.

O visitante mergulha a ponta dos dedos numa das pias de água benta e retorna com um líquido denso e quente como sangue venoso. Verifica a outra, vazia.

Sem benção?

Entrando pelo corredor principal, se encanta com a quantidade de pinturas, entalhes em pedra e madeira, detalhes vitrificados, estátuas e colunas. Não as lembrava assim tão suntuosas. Reconhece o rico simbolismo das cores e formas. Signos ocultos se revelam em cada lírio na mão de um santo, em cada lótus grafado nas paredes.

A nave principal é esplendorosa. A verticalidade impressiona. Inebriado, tropeça e por pouco não despen-

EM BUSCA DE CURITIBA | SEVERO BRUDZINSKI

ca no poço ao lado do altar. Se agarra como pode, mas uma força oculta lhe atira para a água. A salvação vem com um sussurro íntimo, distante: *talita kum*.

O ânimo retorna. Consegue apoio para os cotovelos e com um bom impulso está salvo. Por um instante olha em volta, procura o salvador. Nada. Grato pela ajuda lembra-se do crucificado e vai ter com ele. Surpresa. Não há estátua, velário ou ex-voto. Onde o olhar reconfortante do cordeiro imolado? Em seu lugar a lápide horizontal de um eminente dos sacramentos. Severo se aproxima para ler o epitáfio e descobre-se morto.

É estranho, pois as letras que compõem "Severo Brudzinski. 197*. 200*." são de plástico, como as usadas em quadros de oferta. Letras velozes, infames.

Que isso quer dizer?

Com a dúvida, uma lufada balança os lustres centenários e congela o penitente que sorri.

O vento, ao que parece, espalhou milhares de folhas secas pela igreja.

Sem demora, surgem monges armados de vassouras. São muitos. Sisudos, separam-se por alas e começam a limpeza. O primeiro inicia o cantochão e os outros repetem. O ouvinte deixa-se estar. No entanto, não demora em ser vencido pelo tédio e sai pela lateral para uma viela escura.

Se o templo, uma pomba branca, a rua, um morcego negro de asas peludas.

Segue pelo calçamento. Os passos não ecoam na madrugada fria. O chão se move. Força a vista e descobre onde pernoitam todos os ratos da cidade. Milhares. Num primeiro momento, para tocar o chão, é obrigado a chutálos. Depois nem se dá ao trabalho: se danem! Corre esmagando os pequenos

demônios.

Em frente, um farol. Sob o facho uma zona livre dos imundos. No porto, está seguro. Os roedores quando no perímetro iluminado são incinerados imediatamente até as cinzas, que logo são absorvidas pelo piso de pedras brancas e negras.

Em volta, a enxurrada ganha volume. Os ratos incham e perdem os rabos e pelos. Crescem um pouco mais e a pele se torna lisa. Os ossos esticam. Joelhos e cotovelos se pronunciam. De roedores passam a homens secos e barbudos. Seres sujos, de pele queimada e olhos profundos que vagam desesperados, procurando pelo chão por pequenas pedras brilhantes, disputadas até a morte. São lutas sangrentas, mas não há o que temer, pois o poder do farol vale também para a mutação. Os que caem dentro do círculo têm o mesmo destino dos ratos calcinados. Sobram os crânios que Severo chuta para fora. Nojo.

Aos poucos, os ex-ratos tornam-se vivazes e audaciosos, se aglomeran-do em torno do poste. No olhar, fome de carne e sede de sangue.

Súbito, de um prédio em frente, a luz de uma janela acende e na sacada surge uma menina. A pequena não deve ter mais que cinco anos. Um anjo de olhar transumano. Num mimo, ela aponta para um interruptor com instalação e barramento à mostra. O acossado segue a linha de força e a descobre alimentando o poste no qual se abriga. Antevendo o descarne, se arrepia.

Adoro esta cidade. Amo tanto que não a suporto. Diz a menina com uma voz madura e amarga.

Tudo é tão organizado, não acha?

Está com medo?

•••

Vai ter sua chance. Se acerta, fica aí até que um dia amanheça. Se não...

Severo concorda.

Lá vai: por que fazer sofrer o teu pai, tua mãe e tua irmã? Por que preocupar o teu gerente? Por que abandonar um emprego tão bom e se tornar um ser abjeto e sem nome? Conte para os ratos, senhor Gregor Samsa.

Não mora ninguém com esse nome.

•••

Resposta errada.

Flashes no céu noturno antes do olho ser devorado. ■

Severo Brudzinski é autor dos livros
Os amores e mortes de Gustavo Carbel
(2005) e Líricas (2008). Em 2012 lançou
a coletânea de contos Passagem do
aqueronte. Vive em Curitiba (PR).



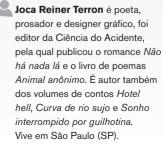
POEMA | JOCA REINERS TERRON

O sonâmbulo canta seus sonhos no topo do edifício em chamas

Pássaro algum pia com receio de acordá-lo. As nuvens voam baixinho só para ouvir sua voz de contralto. É meio-dia e sombras se esticam do centro do sonho em direção à realidade. No chão as pessoas param somente para vê-lo vacilar. É muito melhor do que o show dos Beatles, alguém diz. Sirenes não rivalizam com seus agudos e bombeiros despejam água na multidão. Faz calor. O incêndio aumenta conforme sonhos o alimentam. Têm sabor amargo, os sonhos, mas o fogo não reclama e os devora. Uma menina chamada Zilda é a primeira a pular. Quando cai, a rede de proteção solta milhões de pétalas ao redor. Todos ficam sem saber se ela escapou da morte ou do sonho, mas quem se importa? O vulto em cima do prédio cala um instante e volta a cantar. É um homem sozinho, a canção diz durante o dia é farmacêutico, mas gostaria mesmo de ser escritor. Para cada pessoa que entra na farmácia ele constrói uma história. Existe a do senhor que toma tantas pílulas azuis a ponto de ele próprio tornar-se azul. E tem Glória, a moça mais triste do mundo. Seu único passatempo é prever o futuro nas entrelinhas das bulas. Glória é a rainha do fracasso. Neste exato instante, ela passa pela rua e junta-se à multidão. Aquele lá em cima é o moço da farmácia, ela pensa, e o Senhor Azul então o reconhece. Todos os personagens observam o seu criador. Remédios já não nos curam mais, diz o verso da última canção. Quem sabe os sonhos não sejam a vigília e tudo esteja ao contrário? Eu estou vivo e vocês estão mortos, mas ninguém se importa. Um salto no abismo, a ilusão de voar. Melhor do que adormecer às margens de um lago congelado. O sonâmbulo desperta. Ele estica o pé adiante como se o vazio fosse Uma piscina e quisesse medir sua temperatura. O vento assovia um refrão e as chamas dançam hula-hula. Todos estão livres. Podemos ir agora.

O sonâmbulo canta seus sonhos no topo do edifício em chamas.









Escrito em 1975 durante o exílio de seu autor em Buenos Aires, Poema sujo, publicado em 1976, é considerado a afirmação de maturidade poética de Ferreira Gullar

MARCIO RENATO DOS SANTOS

xilado, sem perspectiva de retornar ao Brasil e com medo de ser assassinado, Ferreira Gullar escre-■veu uma obra que atravessa o tempo acumulando leituras críticas, leitores e não poucos elogios. Mais que isso. O longo poema que ele produziu em Buenos Aires, em 1975, é considerado por Antonio Callado, Clarice Lispector, Otto Maria Carpeaux, Paulo Mendes Campos — entre outros autores e também por especialistas em literatura como uma das realizações máximas da poesia brasileira.

"Turvo turvo/ a turva/ mão do sopro/ contra o muro/ escuro/ menos menos/ menos que escuro." Eis o início do Poema sujo, obra lida, relida e estudada no meio acadêmico. Rosane Pires Batista é autora de Ferreira Gullar: memórias do exílio, tese de doutorado defendida na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Durante quatro anos, a pesquisadora estudou o Poema sujo, para ela, o momento mais interessante do ponto de vista da criação artística e literária do poeta.

"As imagens construídas no Poema sujo são feitas no momento de maior choque vivido por Gullar [em exílio durante a ditadura militar]. São imagens

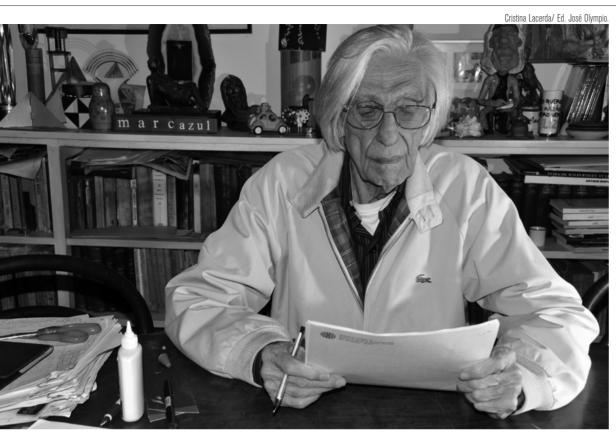




Ferreira Gullar e a sua editora Maria Amélia Mello em São Luís, capital do Maranhão, em um café, na década de 1990

A José Olympio prepara nova edição para o Poema sujo, que inclui repaginação visual.

MAKING OF



A coluna dominical de Ferreira Gullar no jornal Folha de S.Paulo provoca reações na redes sociais. Sinal da vitalidade intelectual do poeta que tem 82 anos.

que revelam a São Luís de sua infância. As reminiscências do passado podem ser lidas como um momento privilegiado de resistência política do poeta, pois os impactos da experiência traumática do desterro lhe impuseram uma necessidade de retorno às lembranças da infância e da adolescência para recuperar a própria noção de identidade perdida no exílio", comenta Rosane.

De fato, em território estrangeiro, diante de uma adversidade que parecia não ter fim, Gullar reinventou a sua cidade natal, São Luís (MA), por meio de imagens, palavras e sonoridades que tendem a arrebatar o leitor. Acima de tudo, não há nenhuma gota de pieguismo. "Não seria correto dizer/ que a vida de Newton Ferreira/ escorria ou se gastava/ entre cofos de camarões, sacas de arroz/ e paneiros de fa-

rinha-d'água/ naquela sua quitanda/ na esquina da Rua dos Afogados/ com a Rua Alegria." Newton era o pai do autor, que ele contextualiza em uma cidade que não existe mais no momento da escrita — mas que se faz urgente em seu imaginário. "A cidade no entanto poderás vê-la do alto praticamente a mesma/ com suas ruas e praças/ por onde ele caminhava", escreveu o autor, em um dos trechos da obra.

Pelas mãos de Vinicius

O processo de escrita do *Poema sujo* envolveu Gullar de maio a agosto de 1975. Ele ainda levou mais um tempo, antes de encontrar o desfecho: "O homem está na cidade/ como uma coisa está em outra/ e a cidade está no homem/ que está em outra cidade". O poeta mostrou e leu a obra para alguns

interlocutores, entre os quais Vinicius de Moraes. "Após essa leitura, Vinicius, comovido, pediu-me uma cópia do poema, queria levá-la para o Brasil. Finalmente, decidimos que seria melhor gravá-lo numa fita, o que foi feito já no dia seguinte. No Rio, Vinicius reuniu um grupo de amigos em sua casa para ouvir o poema. Nas circunstâncias, ouvi-lo dito por mim, poeta exilado, era certamente emocionante e isso fez com que as cópias do poema se multiplicassem e outros grupos se formassem para escutá-lo", escreveu Gullar, no texto "A história do poema", que acompanha as edições recentes do livro.

O poeta receberia um convite de Ênio Silveira, da editora Civilização Brasileira, para publicar o *Poema sujo* — a primeira edição chegaria nas livrarias em 1976. Durante a década de 1980, a obra migrou para a José Olympio — selo que foi adquirido pelo Grupo Record em 2002. No momento, a José Olympio prepara novas edições dos livros de Gullar, incluindo o *Poema sujo*.

Aos 82 anos, Gullar é considerado um dos mais importantes poetas da literatura brasileira. Em 2010, recebeu o Prêmio Camões. Seu mais recente livro, Em alguma parte alguma (2010) conquistou o Prêmio Jabuti de Melhor Livro de Poesia e Melhor Livro do Ano em 2011. Maria Amélia Mello, editora de Gullar na José Olympio, comenta que, além desses prêmios formais, o poeta conquistou o reconhecimento do povo brasileiro. "Ele é ativo, escreve com muita propriedade todo domingo na Folha de S.Paulo. Ver as pessoas cumprimentando o Gullar nas ruas é comovente, e prova a admiração que as pessoas têm pelo autor e sua obra", afirma a editora.

Mas em 1976, a realidade estava desfavorável, apesar de ele ter publi-

cado livros como A luta corporal (1954) e Dentro da noite veloz (1975) — hoje considerados referências na cultura brasileira. Amigos do autor, jornalistas e escritores, solicitaram ao governo militar que Gullar retornasse ao país sem sofrer represálias. O pedido foi negado. O poeta voltou, foi submetido a interrogatório e sofreu ameaças. Enfim, conseguiu permanecer no Brasil e — como afirma no texto "A história do poema" - "devo ao Poema sujo o fim antecipado do meu exílio".

Tradução de muitas vidas

A doutora Rosane Pires Batista chama atenção para o fato de o Poema sujo marcar o amadurecimento da linguagem poética de Ferreira Gullar. "Neste poema, é possível descortinar toda sua trajetória poética. Do lirismo ao concretismo, dos cordéis novamente ao lirismo pode-se perceber uma busca que o levou à construção de uma linguagem poética própria que se deu por meio de um movimento de experimentações de sintaxes e como resultado do próprio contexto social e político no qual o poeta estava inserido. Nesse sentido, pode-se encontrar nas filigranas deste poema uma biografia que corrobora na construção de uma dicção particular dentro da poesia brasileira", afirma Rosane.

O poema de Gullar é, na análise de Maria do Socorro Pereira de Assis, uma intervenção estética e política no mundo, na realidade brasileira. Mais que isso: "É um golpe de linguagem e tema". Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com tese sobre a obra de Gullar — Poema sujo de vidas: alarido de vozes, Maria do Socorro acredita que o Poema sujo encontra, de fato, res-



sonância nos brasileiros. "Sei que estou no Poema sujo; que todos estamos naquele Poema. Percebo que é uma poesia que deseja ser lida e revelada aos seus agentes: o povo brasileiro. O Poema sujo é a mais comprometida referência à atual poesia brasileira e ao Brasil", diz a estudiosa.

Obra de arte que é, o Poema sujo permite inúmeras leituras — e isso acontece há mais de 30 anos. Maria do Socorro acredita que essa obra de Gullar continuará despertando interesse ad infinitum, em qualquer "espaço-tempo". "Não sei quantas lições, ensinamentos, sensibilizações, experiências ainda poderemos retirar da leitura do Poema sujo. Acredito que inumeráveis como o são as histórias das vidas brasileiras que 'sujam' o Poema, mas, disso somente saberemos quando cada sujeito personagem

do Poema puder efetivar o seu processo hermenêutico sobre a mágica e dura leitura do Poema sujo como assim o quis o seu primeiro leitor no Brasil, Vinícius de Moraes."■

Tradutor, ensaísta, dramaturgo, cronista e, acima de tudo, poeta, Ferreira Gullar foi o vencedor do Prêmio Camões, em 2010. a maior honraria das letras lusófonas.



Capa de uma edição de Poema sujo viabilizada pela editora Civilização Brasileira.

CAPA | CLÁSSICOS

Uma geração na en Cruzilhada



llustrações: **José** Aguiar



Em sua maioria surgidos a partir dos anos 1990, escritores selecionados pela enquete do **Cândido**, segundo críticos, não criaram escolas ou painéis, investindo mais no conteúdo do que na forma



LUIZ REBINSKI JUNIOR

uem acompanha o cenário literário nacional há pelo menos dez anos vai lembrar que os anos 1990 chegaram ser chamados de "a década perdida da literatura brasileira". A coletânea Geração 90 — manuscritos de computador, organizada em 2001 por Nelson de Oliveira e que reunia essencialmente prosadores surgidos na última década do século XX, gerou debates acalorados e foi motivo de chacota em alguns meios — mais pelo título pomposo do que pelos autores contemplados, como se verificaria anos depois. O fato é que, com o devido distanciamento do tempo, a maioria dos autores da coletânea estabeleceu suas carreiras nos anos seguintes. É só pensar em alguns nomes que se afirmaram em definitivo nos anos 2000: Bernardo Carvalho, Luiz Ruffato, Marçal Aquino, Amilcar Bettega, entre tantos escritores. Muitos outros autores, presentes ou não na coletânea de Nelson de Oliveira e que surgiram após os anos 1990, por méritos próprios, criaram grandes expectativas em torno de suas trajetórias e produções futuras.

Baseando-se na ideia de que a literatura tem seu próprio "tempo" e que este talvez seja o critério mais rigoroso quando se tenta "prever" qualquer coisa nessa área, o Cândido perguntou a 15 especialistas que acompanham de perto a literatura brasileira (críticos, jornalistas, curadores, etc.) quem são os dez autores contemporâneos que, em duas décadas ou menos, podem cravar seus nomes, em definitivo, na história da literatura nacional.

Autores como Ignácio de Loyola Brandão, Rubem Fonseca, Dalton Trevisan, Ferreira Gullar, Manoel de Barros e João Ubaldo Ribeiro, que escreveram alguns dos livros essenciais da literatura brasileira no século XX e ainda estão na ativa, já conseguiram registrar seus nomes em nossa história literária, independentemente do que ainda possam produzir. A partir daí, um novo grupo de autores vai dar sua contribuição à nossa rica história literária. Quem são eles?

Segundo os especialistas consultados pelo Cândido, Daniel Galera, Michel Laub, Angélica Freitas, Cristovão Tezza, Paulo Henriques Brito, Milton Hatoum, André Sant'Anna, Bernardo Carvalho, Nelson de Oliveira (Luiz Bras) e Ricardo Lísias (leia mais sobre os autores e o júri que votou nas páginas 24 e 25) são as vozes mais promissoras da atual literatura brasileira.

Dada a profusão de autores surgindo a cada ano, dez nomes podem parecer um número irrisório, perspectiva que se transforma quando se analisa a história da literatura nacional. Quantos contemporâneos de Machado de Assis e Lima Barreto são lidos hoje, mais de cem anos depois de suas mortes?

Gerações

Todos os jurados, que não terão seus votos revelados, puderam opinar de forma livre, levando em conta apenas a sua experiência de leitura para responder à enquete. Ainda que traga alta dosagem de subjetividade, a pesquisa se baseia na opinião de leitores que trabalham com literatura diariamente, seja na imprensa ou na universidade. Devido à diversidade das vozes que votaram, 61 escritores foram citados, dos mais atuantes, como Marçal Aquino e Miguel Sanches Neto, até gente que "abandonou" a ficção há anos, como Diogo Mainardi.

Entre os mais votados, escritores como Cristovão Tezza e Milton Hatoum, que produzem e publicam ficção desde os anos 1980, aparecem ao lado de autores bem mais jovens, como Michel Laub e Ricardo Lísias. O que, na opinião da pesquisadora Regina Dalcastagnè, faz com que a lista abarque duas gerações distintas de escritores. Regina é professora do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília (UnB) e autora de, entre outros livros, Literatura brasileira contempo-







rânea: um território contestado.

Resultado de 15 anos de pesquisa e da leitura de 258 livros da literatura brasileira (romances e coletâneas de contos), lançados entre 1990 e 2004, o livro chamou a atenção ao trazer dados que demonstram que o campo literário brasileiro ainda é bastante homogêneo, dominado por autores homens, brancos, de classe média, moradores do Rio de Janeiro e de São Paulo e cujas profissões são ligadas a espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico.

"Em termos de tempo, são duas gerações distintas. A de Cristovão Tezza e Milton Hatoum, que são autores que viveram a ditadura militar e tiveram sua formação nos anos 1970, e a de escritores mais recentes, como Michel Laub, que têm outras preocupações", diz Regina. Para a professora da UnB, o fato de Tezza e Hatoum terem começado suas carreiras sob o impacto do fim da ditadura, fez com que suas obras trouxessem certo sentimento de desilusão em relação à vida. "Tezza tem um livro emblemático sobre esse impacto, chamado Uma noite em Curitiba, em que a grande pergunta é: 'E agora, o que faremos que a ditadura acabou?"

Marcas

Em 2012, por conta do lançamento da revista inglesa Granta, que listou os "20 melhores jovens escritores do Brasil", após uma seleção que reuniu 247 textos inéditos, o crítico gaúcho Luís Augusto Fischer, um dos profissionais consultados pelo Cândido para este especial, escreveu artigo no jornal Folha de S. Paulo criticando o que para ele era um ponto característico entre os escritores selecionados pela revista: a autorreferência e as constantes tramas passadas fora do país, o que, na opinião do crítico, seria um indício da influência de autores de língua inglesa entre os jovens contistas e romancistas nacionais.

"A Granta parece ter fotografado um momento cosmopolitizante, antipovo e autorreferente, na geração mais nova, que surfa num mercado muito mais maduro do que jamais foi, em todos os níveis de renda, nos circuitos de difusão, no consenso da importância da leitura", escreveu Fischer. Dos dez escritores selecionados na enquete do **Cândido**, três deles também apareceram na seleção da revista inglesa (Ricardo Lísias, Michel Laub e Daniel Galera), cujo pré-requisito para os autores era ter menos de 40 anos.

O professor de Literatura Brasileira da Pontificia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) Audemaro Taranto Goulart acha que uma das principais marcas da literatura feita pelos escritores listados na enquete do Cândido é a falta de maior preocupação com a estética, ou seja, a linguagem que tanto marcou a prosa brasileira do século XX, com escritores fundamentais, que renovaram a literatura nacional, como Guimarães Rosa e Clarice Lispector. "O que não quer dizer que esses autores, sugeridos como as apostas dos críticos ouvidos pelo Cândido, não produzam obras significativas. Mas o foco deles se virou para aspectos mais sociais, no sentido que essa literatura se interessa mais em mostrar como as pessoas, hoje, estão inseridas no mundo. Por outro lado, é certo que esses autores deixaram de lado uma das marcas da literatura brasileira no século XX, que é experimentação com a linguagem", diz o professor da PUC-Minas, que também ensina literatura portuguesa na universidade.

Ele lembra que escritores portugueses contemporâneos, como António Lobo Antunes e Valter Hugo Mãe, autores de gerações distintas, ainda trazem em suas literaturas a preocupação com a forma. "Essa característica mais realista dos escritores brasileiros atuais, deve-se, talvez, a certo esgotamento da linguagem. As vanguardas acabaram e o tempo de experimentação talvez tenha ficado

CÂNDIDO 23

no século XX. Outro fator é que talvez esses autores tenham a preocupação em serem plenamente entendidos por uma gama maior de leitores. James Joyce e João Guimarães Rosa, em seus últimos trabalhos, *Finnegans Wake* e *Tutameia*, respectivamente, fizeram uma literatura muito difícil, que apenas poucos abnegados conseguiam compreender."

Regina Dalcastagnè corrobora a opinião de Goulart e explica que constatou, em sua pesquisa, que a linguagem não é, em regra, uma preocupação dos escritores das gerações mais novas. "Essa literatura atual talvez seja mais careta nesse sentido, pois é uma prosa com linguagem mais certinha, com começo, meio e fim. Há pouco investimento na estrutura do texto. É um conjunto mais realista. Inclusive os livros estão cada vez mais finos: os romances estão muito mais próximos de novelas. Talvez esse esquema de trabalho seja mais fácil", opina a professora, que está dando porsseguimento à sua pesquisa sobre a literatura contemporânea brasileira. O objeto de estudo a partir de agora são os livros publicados "pelas principais editoras brasileiras entre 2004 e 2014". O trabalho deve superar a primeira parte do estudo ao passar por 300 livros de ficção.

A professora da UnB também se surpreendeu ao não ver o nome de Luiz Ruffato entre os mais citados da pesquisa. Para ela, o mineiro é um escritor fundamental hoje, um nome que destoa do atual cardápio de nossas letras ao investir no lupemproletariado e na linguagem.

Outra observação de Regina é que entre os dez autores selecionados, apenas uma mulher aparece na lista. Com apenas dois livros publicados, Angélica Freitas também é a menos experiente, em termos editoriais, entre os escritores listados. Ao lado de Paulo Henriques Britto, é a única poeta. "Ter apenas uma mulher na lista é sintomático do que acontece na cena literária atual. Há várias mulheres escrevendo, mas poucas

estão publicando regularmente, por isso não conseguem firmar carreira. A Elvira Vigna é uma das poucas exceções."

Fenômeno Galera

Entre os escritores citados, o gaúcho Daniel Galera foi o autor mais lembrado. Galera é também o mais jovem da lista, tem 33 anos e cinco livros em sua bibliografia, sendo quatro romances e um livro de contos. Nos anos 1990, participou de um coletivo de escritores que produzia um fanzine na internet chamado CardosoOnline. Mas foi com seu último romance, Barba ensopada de sangue, que o escritor foi alçado à condição de grande promessa da literatura brasileira. O livro, lançado em dezembro de 2012, já vendeu mais de 11 mil exemplares, um fenômeno para o mercado editorial do país, ainda mais por se tratar de um autor tão jovem. O que chamou a atenção da cena literária foi o empenho de sua editora, Companhia das Letras, em promover o livro e o escritor. O romance já teve seus direitos vendidos para o cinema e para editoras estrangeiras. A campanha de marketing inclui três versões diferentes para a capa do romance. Tamanho empenho gerou, na mesma proporção, entusiasmo e crítica à ascensão do escritor.

Um dos acadêmicos mais assíduos da imprensa brasileira, Alcir Pécora (leia entrevista nas páginas 26 e 27) é também conhecido por seus textos mordazes sobre a literatura contemporânea. Para ele, o furor em torno de Galera se refere mais ao plano do marketing do que literário. "De modo geral, até onde pude perceber — pois não acompanho sua carreira tão de perto assim —, trata--se de um escritor de talento mediano, tanto em termos estilísticos, elocucionais, como de invenção e matéria. Que ele seja visto como um autor importante a ser lembrado não deixa de ser sintomático de um momento de crise que vivemos, no qual a euforia publicitária se conjuga mais ou menos perceptivelmente com a depressão intelectual."



para aspectos mais sociais, no sentido que essa literatura se interessa mais em mostrar como as pessoas, hoje, estão inseridas no mundo."

Audemaro Taranto Goulart, professor da Puc-Minas

As dez apostas da crítica

Para realizar esta enquete, 15 especialistas foram indagados a listar dez autores da literatura brasileira contemporânea que, a partir da produção atual, podem cravar seus nomes, em definitivo, na história da literatura nacional, Críticos, curadores e jornalistas de várias regiões do Brasil votaram. São eles: Álvaro Costa e Silva (jornalista), José Castello (crítico do jornal O Globo), Schneider Carpeggiani (editor do suplemento *Pernambuco*), Christian Schwartz (tradutor), Miguel Conde (curador da Flip), Rodrigo Gurgel (crítico literário), Bruno Zeni (jornalista), Carlos André Moreira (jornalista do Zero Hora), Caetano Galindo (tradutor), José Carlos Fernandes (jornalista da *Gazeta do Povo*), Ricardo Costa (Associate Partner da Feira do Livro de Frankfurt para América Latina), André Seffrin (crítico literário), Cassiano Elek Machado (repórter da *Folha de S. Paulo*), João Cezar de Castro Rocha (crítico literário), Luís Augusto Fischer (crítico literário). A seguir, uma pequena biografia dos autores escolhidos pelos críticos.



Paulo Henriques Britto

Poeta, prosador, professor universitário e tradutor, Paulo Henriques Britto venceu o prêmio Portugal Telecom de Literatura em 2004 com seu livro de poemas *Macau*. Também é contista, autor de *Paraísos artificiais*. Um dos tradutores mais requisitados e respeitados do mercado editorial, o autor verteu obras de vários autores importantes, entre os quais Philip Roth, Thomas Pynchon e William Faulkner. Em 1995, ganhou o prêmio da Fundação Biblioteca Nacional pela tradução de *A mecânica das águas*, de E. L. Doctorow. Seu mais recente livro de poemas é *Formas do nada* (2012).



Cristovão Tezza

Catarinense, desde criança Cristovão Tezza vive em Curitiba, cidade em que ambientou diversos de seus livros. Publicando desde os anos 1990 em grandes editoras do país, é autor dos livros *Trapo* (1988), *Uma noite em Curitiba* (1995) e *Um erro emocional* (2010). Seu maior sucesso editorial, aclamado pela crítica e pelo público, é o romance *O filho eterno* (2007), que leva ao plano ficcional a história do autor com seu filho, portador de Síndrome de Down. O livro já alcançou 13 edições. O mais recente título de Tezza é *O espírito da prosa* (2012).



Michel Laub

Assim como vários prosadores gaúchos contemporâneos, Laub frequentou a oficina de criação literária de Luiz Antonio de Assis Brasil. Mas foi nas primeiras edições da revista *Bravo!* que o escritor chamou a atenção, ao produzir reportagens profundas e instigantes sobre literatura. Posteriormente, Laub — gaúcho de Porto Alegre, nascido em 1973 — também se revelou, livro após livro, um nome de respeito na ficção brasileira. Autor de cinco romances, entre eles *Música anterior* (2001) e *O gato diz adeus* (2009), conquistou definitivamente espaço, e respaldo crítico, no meio literário com *Diário da queda* (2011), que foi saudado como um romance que se alinha à melhor tradição de escritores de origem judaica, como Philip Roth e Moacyr Scliar. Em 2012, Laub estreou como colunista no jornal *Folha de S.Paulo*.



Nelson de Oliveira

Publicando com regularidade desde o começo dos anos 1990, Oliveira já recebeu diversos prêmios por sua obra. Em 1995 seu livro Naquela época tínhamos um gato ganhou o Prêmio Casa de las Americas. Publicou os livros de contos Sólidos gozosos, solidões geométricas (2004) e Algum lugar em parte alguma (2005). No romance, escreveu, entre outros, Subsolo infinito (2000) e O oitavo dia da semana (2005), Em 2001 organizou a antologia Geração 90: Manuscritos de computador, reunindo prosadores brasileiros do final do século XX. Há alguns anos usa o pseudônimo Luiz Bras para assinar sua produção literária.



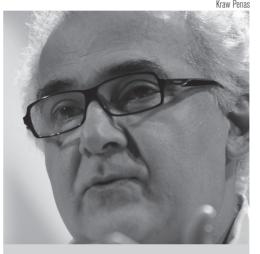
André Sant'Anna

O escritor carioca é autor dos livros *Amor* (1998) e *Sexo* (1999). Considerado um dos maiores talentos da literatura brasileira atual, teve um de seus textos publicado na antologia Os cem melhores contos da literatura brasileira, ao lado de autores como Lima Barreto Dalton Trevisan e Raduan Nassar, O romance *O paraíso é bem bacana* (2006) confirmou o nome de Sant'Anna entre os principais prosadores da nova geração.



Bernardo Carvalho

Nascido em 1960, no Rio de Janeiro, Carvalho é escritor e jornalista. Foi editor do suplemento de ensaios *Folhetim* e correspondente, em Paris e em Nova York, da Folha de S. Paulo. Fez sua estreia na ficção com a coletânea de contos Aberração (1993). Publicou ainda os romances Nove noites (2002), Mongólia (2003) e *O sol se põe em São Paulo* (2007). Seu mais recente livro é *O filho da mãe*. resultado de uma viagem do escritor a Rússia.



Milton Hatoum

Nasceu em Manaus, em 1952. Estudou arquitetura e ensinou literatura brasileira nas universidades do Amazonas e da Califórnia. Estreou na ficção com *Relato de um certo* Oriente (1989), que recebeu o prêmio Jabuti de melhor romance, assim como os seus livros seguintes: Dois irmãos (2000) e Cinzas do norte (2005). Hatoum também já foi agraciado com os prêmios APCA, Bravo! e Portugal Telecom. O autor foi traduzido para várias línguas e é publicado nos Estados Unidos e na Europa.



(poemas) e, em 2012, publicou *Um útero* é do tamanho de um punho (poemas) e Guadalupe, graphic novel em parceria com o quadrinista Odvr Bernardi. A condição da mulher no mundo contemporâneo está nas linhas e entrelinhas da produção desta autora que vive em Pelotas (RS), depois de várias experiências em pontos variados do planeta. A crítica costuma chamar atenção para o refinamento de sua linguagem, e também para o seu humor ácido.



Ricardo Lísias

Nasceu em 1975, em São Paulo. É graduado em letras pela Unicamp, mestre em Teoria Literária pela mesma universidade e doutor em Literatura Brasileira pela USP. Em 1999, publicou o romance Cobertor de estrelas, traduzido para o espanhol e o galego. Posteriormente escreveu o livro de contos *Anna O. e* outras novelas, finalista do Prêmio Jabuti de 2008. Mas foi com seus dois últimos romances, O livro dos mandarins (2009) e *O céu de suicidas* (2012), que o escritor, segundo a crítica, conseguiu alcançar alto grau de excelência em sua narrativa, conciliando de maneira exemplar forma e conteúdo.



Daniel Galera

Nasceu em São Paulo, em 1979. Publicou textos e contos na internet, entre 1996 e 2001, no zine Cardosonline. Foi um dos criadores da editora Livros do Mal, pela qual publicou seus dois primeiros livros: Dentes guardados (2001) e Até o dia em que o cão morreu (2003), este último adaptado para o cinema. Galera também recebeu o prêmio Machado de Assis de melhor romance por Cordilheira (2008). Como tradutor já verteu para o português obras de David Foster Wallace, Zadie Smith e Irvine Welsh. Em 2010 lançou o álbum em quadrinhos Cachalote, em parceria com o desenhista Rafael Coutinho. Seu mais recente livro é o romance Barba ensopada de sangue (2012).

CAPA | ENTREVISTA | ALCIR PÉCORA

"Os bons autores hão de surgir quando surgirem"

Para o crítico literário, os novos autores da literatura brasileira ainda não superaram os modelos literários das gerações anteriores e Hilda Hilst é a maior autora nacional surgida nas últimas décadas, mas que ainda está por ser descoberta

LUIZ REBINSKI JUNIOR

o contrário da maioria de seus colegas de acadêmia, Alcir Pécora parece ter certa predileção pelo embate. Um dos menos "encastelados"
acadêmicos da atualidade, o professor
da Universidade Estadual de Campinas
(Unicamp) tem sido presença constante
nas páginas de jornais e revistas, sempre
com resenhas instigantes, marcadas pela
crítica rigorosa e criteriosa das obras que
analisa, em sua maioria de escritores brasileiros contemporâneos. Sobre esses escritores, Pécora diz não perceber "identidade literária" para que possam compor
uma "geração".

Organizador das obras completas de Hilda Hilst, Pécora diz que a autora de *A obscena senhora D*. é "a maior escritora do Brasil [surgida] nos últimos anos". O crítico diz não acreditar em antologias



estabelecidas por critérios cronológicos, mas identifica na atual produção uma inclinação para falar "muito sobre a própria literatura, sobre escritores, seus estigmas, suas viagens, etc."

Pécora estava na comissão do Prêmio Camões, que em 2012 laureou Dalton Trevisan. Para o crítico, Trevisan é o maior escritor vivo do Brasil, um autor cuja obra ainda não conhecemos suficientemente.

Vários dos principais escritores brasileiros hoje tem 70 anos ou mais: Carlos Heitor Cony, Dalton Trevisan, Rubem Fonseca, João Ubaldo Ribeiro, Ignácio de Loyola, Manoel de Barros, Luis Fernando Verissimo, Ferrei-

ra Gullar. Na sua opinião, quem são os autores que podem substituir os escritores acima citados?

A questão parece trazer um sofisma dentro de si. Veja: não existe nenhuma necessidade ou mesmo hipótese razoável de "substituição" de autores. No âmbito da cultura, não há cadeiras ou lugares numerados como num time, num congresso ou numa academia literária, nos quais quando alguém sai ou morre, vaga um posto e alguma outra pessoa passa a ocupá-lo ou torna-se membro. Em cultura, estamos, por um lado, no domínio da contingência, como na vida de qualquer um: alguém morre, mas nem por isso alguém necessariamente o substitui; e, por outro lado, paradoxalmente, estamos também

antologias estabelecidas por critérios cronológicos. Literatura jovem é um critério de apreciação tão mesquinho e impróprio quanto literatura senil."

no terreno da longa duração ou da eternidade: alguém morre, mas, diferentemente de todo mundo, a sua obra, quando tem valor, pode não morrer. Por vezes, continua tão viva e cheia de viço como quando surgiu, talvez até mais, recebendo a cada novo tempo, novas interpretações, ganhando riqueza semântica. Nesse caso, falar em substituição é simplesmente querer excluir o que, se tiver méritos, pode existir para sempre, sem qualquer necessidade de deixar o posto.

Acha que a próxima "geração" pode fazer frente aos nomes atuais, que escreveram alguns dos principais livros da literatura brasileira no século XX? (Penso em Viva o povo brasileiro, O vampiro de Curitiba, Poema sujo, etc.).

"Geração" em literatura não é uma questão cronológica ou de idade apenas: tem de haver identidade literária entre os que participam dela (e não apenas certo intervalo de tempo de nascimento em comum), e também tem de haver ruptura ou distinção literária em relação aos que não fazem parte dela. Apenas assim, parece justo identificar uma geração literária. Se os novos autores se limitam a repor, mesmo que em novas circunstâncias, os mesmos modelos literários das gerações anteriores, então eles não constituem uma nova "geração". Nesses termos, para falar francamente, não vejo, no Brasil, nenhuma nova geração literária. Ao menos, não no sentido de se contrapor consistentemente à geração dos anos 1960, por exemplo, cujos modelos são ainda os vigentes entre os novos autores, quando não a gerações ainda mais velhas.

É sempre mais fácil fazer uma avaliação com o distanciamento do tempo (alguns dos livros dos escritores que citei têm mais de 30 anos), mas consegue identificar diferenças entre os "novos" e os "velhos" autores? Ou melhor, com a geração de escritores como Milton Hatoum e Bernardo Carvalho, dois escritores que despontaram nos últimos dez

Nem o jornal, nem a academia estão discutindo literatura de maneira especialmente interessante. O problema não é do veículo ou da instituição particular, é da própria crítica contemporânea, que vive uma crise devastadora."

anos, a literatura nacional mudou? Em que sentido?

Como lhe disse antes, não vejo diferenças ou distinções capazes de determinar uma nova geração, um novo estilo, etc.

Ainda sobre a temática da atual literatura brasileira: Viva o povo brasileiro é um livro sobre a formação do Brasil, Zero é sobre um dos períodos mais conturbados da história recente. Sobre o que a literatura brasileira atual escreve? Saberia dizer? O leque de assuntos é amplo, mas a abordagem é, em geral, muito ligeira, feita pela rama. E, sim, falam hoje muito sobre a própria literatura, sobre escritores, seus estigmas, suas viagens, etc. Há uma mitologia literária que passa por ser a própria literatura. O grande herói desse tipo de gente é Enrique Vila-Matas. Já alguém disse que ele tinha a profundidade de um pires. Eu concordo.

Ano passado a revista inglesa Granta listou os jovens mais promissores da literatura brasileira. A julgar pela escolha da revista e de seus jurados, o futuro da literatura brasileira está garantido?

Não acredito em antologias estabelecidas por critérios cronológicos. Literatura jovem é um critério de apreciação tão mesquinho e impróprio quanto literatura senil. Mas admito que, não por acaso, é muito mais ajustada ao mercado.

O jornal, nos últimos anos, perdeu força como veículo de discussão da literatura brasileira. Esse papel ficou com a academia hoje? Aliás, os autores precisam do que para se tornarem grandes? Só bons livros e leitores?

Nem o jornal, nem a academia estão discutindo literatura de maneira especialmente interessante. O problema não é do veículo ou da instituição particular, é da própria crítica contemporânea, que vive uma crise devastadora. Está tão sem capacidade de se pensar fora dos releases publicitários — portanto, fora do mercado —, quanto sem capacidade de se atribuir um ato de juízo argumentado, que não seja um simples parti pris a favor de interesses e direitos (mais ou menos justos) de coletividades de semelhantes —, portanto, fora de um tipo de publicidade de grupo e de subjetividades expandidas.

A chamada vida literária no Brasil se intensificou nos últimos anos e a participação de escritores em feiras, bate-papos e eventos similares acabou sendo importante para as carreiras dos autores. Ainda que isso fique mais no campo do marketing do que da literatura, acha que há grandes escritores ainda desconhecidos no Brasil, que possam ser reconhecidos e lidos em um futuro breve? A vida literária se intensificou? Será? Sou apenas um professor, vivo na universidade: ali, certamente não há nenhuma vida cultural intensificada. Para mim, o que se intensificou foi a profissionalização e a institucionalização dos veículos materiais que lidam com ela, o que pode significar, e em geral significa, o oposto de intensidade. O que é do campo de marketing, como você identifica, fica no campo do marketing. Sobre a segunda pergunta, ela é um pouco sofística igualmente: simplesmente não dá para saber se há "grandes escritores desconhecidos". Saberemos apenas quando se tornarem conhecidos. Mas,

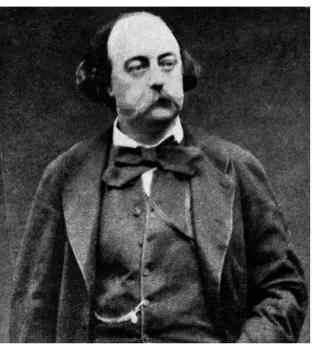
claro, virtualmente nada impede que haja. As suas perguntas dão a entender que você tem muita "esperança" de que haja, você "torce" para que surjam autores mais e melhores que os atuais. É perfeitamente legítimo ter esperança, torcer, com ou sem base racional para a crença, mas não é possível saber ainda se ela corresponde a qualquer coisa mais que confiança no futuro, pensamento otimista, etc.

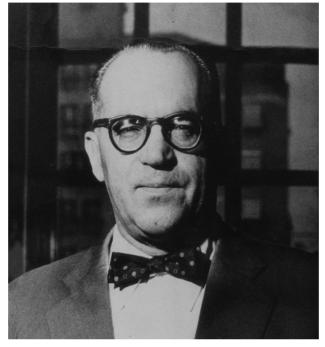
Se pudesse apostar em 10 nomes que serão lidos daqui a 20 anos, quem seriam?

Não acho que em literatura as coisas se passem assim de 20 em 20 anos, ou de 50 em 50. Como lhe disse, o tempo da literatura é o da longuíssima duração. Não estamos falando até agora de Homero, Vergílio, Dante, Petrarca, Camões ou Donne? De Baudelaire, Mallarmé, Eliot, Pessoa, Pound, etc.? Existem autores mais radicais, atuais, urgentes? Para que a preocupação com os 10 autores imagináveis de daqui a 20 anos, se temos todos os melhores autores do mundo à nossa disposição já agora? Para não parecer antipático com a citação desses grandes nomes, posso lhe dar uma outra versão desse argumento, num tempo mais próximo e num espaço mais local. A maior escritora do Brasil nos últimos anos se chama Hilda Hilst. Ela é ainda muito mal conhecida, tanto no Brasil como no mundo. Daqui a 20 anos talvez a conheçamos um pouco mais. Essa é uma boa expectativa, não é? Outro exemplo: Dalton Trevisan é o maior escritor vivo do Brasil, na minha opinião. Nós o conhecemos suficientemente? Já basta de falar dele? Ele não terá produzido livros como de bebês, que vão escorregar de nossas mãos ou vão se mandar para outra freguesia, arreliados, se não rezarmos já em seus bercinhos como se fossem já celebridades de amanhã. O que é urgente e necessário fazer, dada a estreiteza da situação literária e cultural brasileira (mas não apenas dela), é cuidar da educação básica do país. Isto feito, basta: os bons autores hão de surgir quando surgirem.

CAPA | CLÁSSICOS

A origem das obras fundamentais







Gustave Flaubert, João Guimarães Rosa e Miguel de Cervantes. Um francês, um brasileiro e um espanhol. Três autores que escreveram obras que suportam novas leituras durante a passagem do tempo.

A recepção do público e da academia, além da repercussão na mídia, podem tornar uma obra referencial ao longo do tempo, mas há outros fatores, incluindo o imponderável, no processo que transforma, ou não, um livro em clássico

MARCIO RENATO DOS SANTOS

senso comum garante que o tempo é, e será, o juiz a apontar quais obras são, e serão, consideradas clássicas. De fato, os livros que resistem à chamada prova da passagem dos anos têm algo a mais: param em pé sem os apoios do tempo no qual foram concebidos, seja o marketing do contexto recente ou as redes de relações que há muito ajudam tanto a publicar como a fazer com que o autor e a sua produção encontrem caminhos e vitrines.

Na realidade, costuma dizer em sala de aula a professora Maria Zélia Versiani Machado, não existe receita para um livro se tornar clássico. Há sim uma conjunção de fatores que podem, ou não, fazer de uma obra um clássico, a começar pela leitura. "Não é apenas a passagem do tempo que faz de uma

obra um clássico, mas são as leituras que os leitores fazem das histórias, das poesias, que lhes dão vida", afirma Maria Zélia, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A pesquisadora lembra que livros considerados atualmente obras fundamentais, por exemplo, A odisseia, de Homero, Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, A divina comédia, de Dante Alighieri, e Hamlet, de William Shakespeare, nem sempre foram categorizados dessa maneira. "A história de um livro é a história de suas leituras. Hoje, temos clareza de que os cânones são construções históricas e que muitas obras podem não ter tido a mesma sorte do que essas que chegaram até os dias atuais. Pode ainda acontecer de uma determinada obra ficar por um tempo esquecida e ser 'ressuscitada' por leitores que iniciam um novo ciclo que a coloca no circuito das leituras", argumenta Maria Zélia.



44 Há, por exemplo, clássicos espanhóis que não o são aqui. Daí alguns falarem em 'clássicos universais' sempre me pareceu meio pretensioso e etnocêntrico"

Arthur Dapieve

John Fante escreveu Pergunte ao pó, em 1939, obra que adquiriu visibilidade apenas quando Charles Bukowski a descobriu em uma biblioteca pública na década de 1980. Na opinião de Arthur Dapieve, da PUC-Rio, o romance de Fante é um clássico moderno.

Arthur Dapieve concorda com a argumentação da professora da UFMG, em especial com a observação a respeito de obras esquecidas e que posteriormente adquirem novo ciclo. Para comprovar o que diz, ele cita Pergunte ao pó, do John Fante. O romance foi publicado em 1939, mas só conquistaria popularidade a partir da sua redescoberta, quatro décadas depois, por Charles Bukowski, que encontrou a obra nas prateleiras de uma biblioteca pública de Los Angeles. "Fante ainda estava vivo, mas quase esquecido, e morreria em 1983. Para mim, Pergunte ao pó é um clássico moderno", diz Dapieve, jornalista, autor do romance Black music e professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

O que é o homem?

Na opinião do professor de literatura da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) Marcos Siscar, o que faz um clássico é a necessidade que determinada época ou conjunto de leitores têm de estabelecer referências para seu passado e de constituir para si uma ideia de comunidade. O estudioso observa que a universidade, o público e a mídia participam desse processo [de construção do clássico]. "As tentativas de atribuir qualidades específicas aos chamados 'clássicos' faz parte da necessidade que temos de legitimar as nossas escolhas, de confirmar os nossos mitos", raciocina o professor da Unicamp, também tradutor e poeta.

Além das teses, dissertações e estudos acadêmicos, da recepção do público e da crítica, e da mídia, o professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) Biagio D'Angelo cita até o imponderável como fiel da balança na elaboração de um clássico. E mais. "Se um livro mobiliza o leitor em alguma direção, rumo a um pensamento, pode-se dizer que é um clássico", diz Biagio, acrescentando ainda que cada pessoa pode ter a sua lista pessoal de clássicos. Para ele, Crime e castigo, de Fiódor Dostoiévski, é um desses livros fundamentais. "A obra me perturba a cada nova leitura", confessa o professor da PUCRS, autor de Benjamin — livro vencedor do Prêmio Jabuti na categoria Infantil em 2012.

A lista de clássicos da professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Jane Tutikian inclui O vermelho e o negro, de Stendhal, Moby Dick, de Melville, Madame Bovary, de Flaubert, Guerra e paz, Tolstói e O idiota, de Fiódor Dostoiévski. Em comum, esses livros são — na avaliação da estudiosa — reveladores da natureza humana, do estranhamento das relações sociais e da própria fé. "Todos eles centram-se na pergunta primordial: o que

CAPA | CLÁSSICOS

Não é apenas a passagem do tempo que faz de uma obra um clássico, mas são as leituras que os leitores fazem das histórias, das poesias, que lhes dão vida"

Maria Zélia Versiani Machado

é o homem?, e por tocarem em valores essenciais, e por fazerem isso através da percepção artística da literatura, ultrapassam seu próprio tempo, mantêm sua atualidade e manterão enquanto o homem for homem, com seus estranhamentos, com suas contradições, com sua fragmentação", comenta Jane.

Calvino e Coelho

Noventa e nove entre cem estudiosos citam o ensaio *Por que ler os clássicos*, de Italo Calvino, como referência para entender o assunto. O texto do intelectual e escritor italiano traz 14 definições, como: "Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer". Ou seja, Calvino chama atenção para o fato de que uma obra fundamental é aquela a respeito da qual o sujeito diz:

"estou relendo e nunca [apenas] lendo".

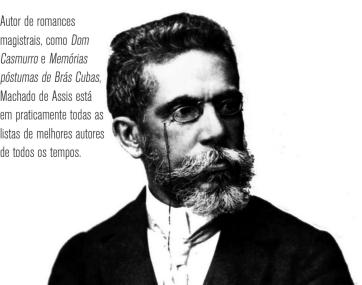
A professora de Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Ana Cláudia Viegas é entusiasta da tese de Calvino. "Acho que essa é uma das características de um clássico: permitir sempre novas descobertas a cada releitura — daí sua permanência."

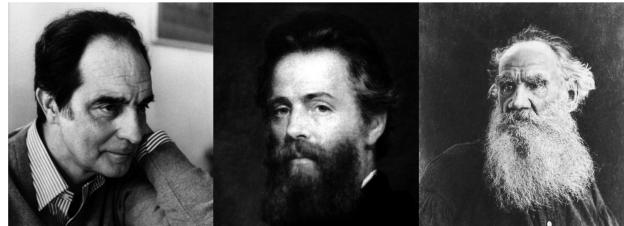
A leitura de *Por que ler os clássi-cos* não é fechada, ao contrário: amplia horizontes e induz à reflexão, despertando dúvidas, por exemplo: há clássico produzido recentemente? A professora da UERJ acredita que sim. "Como não há um conceito fechado do que seja um clássico, pode-se falar [sim] de um livro recente como um clássico, no sentido de já se destacar entre seus contemporâneos, e ser considerado [fundamental] pela crítica logo após seu lançamento.

Diz-se hoje, por exemplo, do escritor Milton Hatoum: ele 'já nasceu clássico'. Quando um livro ou autor recente é chamado de clássico, me parece que se sugere ou se aposta que ele veio pra ficar", afirma Ana Cláudia Viegas.

E Paulo Coelho? Pelo fato de ter boa recepção por parte do público, a sua obra pode ser chamada de clássica? Jane Tutikian, da UFRGS, diz que não. Ela analisa que a produção de Coelho diz respeito a uma literatura esotérica com forte apelo de marketing. "E isso não o torna menos qualificado naquilo que faz! Entendo que o sucesso de Paulo Coelho, e em proporção menor as literaturas de autoajuda, esteja vinculado à mudança de século, às ideias e temas de sentimento finissecular, de morte, de decadência, de insegurança que marcaram esses períodos em toda a história. Apenas isso. É fenômeno datado. Não fica", avalia a especialista da UFRGS.

Maria Zélia Versiani Machado, da UFMG, dialoga com a colega gaúcha e completa o raciocínio a respeito de Paulo Coelho. "Não se pode confundir sucesso de vendas com qualidade literária que gera interesse de leitura renovado para além do tempo de produção, o que caracterizaria um clássico", diz Maria Zélia. Ela recorre a Italo Calvino, para quem o





Italo Calvino (esquerda) é autor de *Por que ler os clássicos*, um clássico no que diz respeito a obras fundamentais como *Moby Dick*, de Hermann Melvile (ao centro) e do romance monumental *Guerra e paz*, de Tolstói (direita).

clássico é aquela obra que pede, até mesmo exige, releitura, e faz uma pergunta — em relação à produção de Paulo Coelho. "Conseguimos reler algumas obras? Esta pode ser uma boa medida", completa a estudiosa da UFMG, sugerindo que a literatura do Mago — que ultrapassa 130 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo — não é clássica, entre outros fatores, por não "pedir" releitura.

Relação com o porvir

Italo Calvino, em seu célebre ensaio, faz uma afirmação a respeito dos livros fundamentais: "Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos". E quais são essas obras que, muitas vezes, desconhecemos, apesar sabermos de suas existências e que, quando as lemos, elas nos surpreendem?

Arthur Dapive, da PUC-Rio, cita, entre outros, Ulysses, de James Joyce; O apanhador no campo de centeio, de J.D. Salinger; O deserto dos tártaros, do Dino Buzzati; O leopardo, de Giuseppe Tomasi di Lampedusa e Ficções, de Jorge Luis Borges. Jane Tutikian, da UFRGS, acrescenta Odisseia, de Homero, Eneida, de Virgílio, O processo, de Kafka e Cem anos de solidão, de Gabriel García Márquez.

E a literatura brasileira? Não é referência entre os clássicos universais? "A língua é outro fator que influencia. Uma lista de clássicos universais dificilmente inclui um escritor brasileiro, porque o português é uma língua muito pouco conhecida e a literatura brasileira, pouco traduzida", comenta Ana Cláudia Viegas, da UERJ.

Mas há, sim, clássicos da literatura brasileira. A professora da UERJ cita São Bernardo, de Graciliano Ramos, Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, Macunaíma, de Mário de Andrade, a obra poética de Carlos Drummond de Andrade e Iracema, de José de Alencar. Dapieve completa a relação com Dom Casmurro, de Machado de Assis, Vidas secas, de Graciliano Ramos, e O encontro marcado, de Fernando Sabino. Jane Tutikian lembra de Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa, e A hora da estrela, de Clarice Lispector.

"Há, por exemplo, clássicos espanhóis que não o são aqui. Daí alguns falarem em 'clássicos universais' sempre me pareceu meio pretensioso e etnocêntrico", opina Dapieve. Biagio D'Angelo, da PUCRS, observa ainda que há clássicos regionais, obras que são lidas — e "amadas" — apenas em uma

Se um livro mobiliza o leitor em alguma direção, rumo a um pensamento, pode-se dizer que é um clássico"

Biagio D'Angelo

região. Os escritores Josué Guimarães, Simões Lopes Neto e Erico Verissimo são, na opinião dele, referências máximas entre os gaúchos.

"E também existem obras que podem ser clássicas pela linguagem ousada e por apresentarem rupturas e intervenções inéditas", observa o professor da PUCRS, citando como exemplo O mez da grippe, de Valêncio Xavier obra construída a partir de recortes de notícias de jornais.

Enfim, mais do que resistir à chamada prova do tempo, a relação de um livro com o porvir pode ser outra. Pelo menos é assim que pensa Jane Tutikian. Para a professora da UFRGS, não é o tempo que ajuda a obra a se tornar um clássico. "A obra ajuda o tempo na medida em que ela, sendo sua representação simbólica, se torna maior do que ele [o tempo]: ela [a obra] se torna uma obra de todos os tempos", argumenta. ■

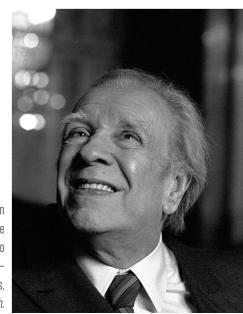


Poeta, romancista, crítico de arte e historiador, Mário de Andrade escreveu livros considerados clássicos como, por exemplo, Macunaíma. O crítico literário Wilson Martins fez uma leitura instigante da produção do autor no livro A ideia modernista, que também é um clássico.



A professora Maria Zélia Versiani Machado, da UFMG, faz a pergunta: "Conseguimos reler algumas obras?" Caso sim, sugere a especialista, a obra é um clássico. O apanhador no campo de centeio, de J.D. Salinger, é um desses casos. Livro para ler e, principalmente, reler.

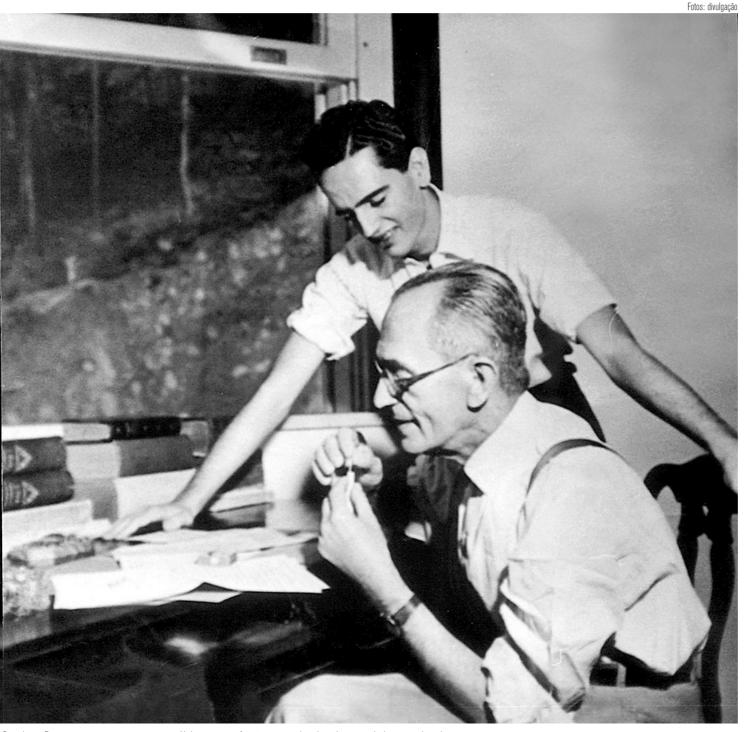
> De acordo com Italo Calvino, "clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer." Ou seja, é uma obra que o sujeito está relendo, nunca apenas lendo como é o caso dos livros de Jorge Luis Borges, entre os quais, O aleph.



CAPA | CLÁSSICOS

Por que ler os clássicos?

O professor **Wilton José Marques**, da Universidade Federal de São Carlos, explica a importância de ler obras canônicas



Graciliano Ramos escreveu romances como Vidas secas e Angústia, considerados clássicos da literatura brasileira.

e maneira geral, pensar em literatura, por prazer ou mesmo por profissão, também tem lá os seus riscos, tanto que existem algumas perguntas que, com o passar dos tempos, sempre teimam em reaparecer na ordem do dia, ansiando novas respostas a velhos dilemas. Acredita-se que, por conta dos momentos diferentes, as respostas talvez possam ser diferentes. De todo modo, a inexistência de respostas prontas é, ao mesmo tempo, a melhor explicação para o eterno retorno das perguntas. Aliás, diga-se de passagem, que tanto em literatura quanto no exercício da crítica literária, respostas sedimentadas e únicas não costumam durar muito. Entretanto, antes de se conjecturar que isso possa significar um aparente beco sem saída, não custa lembrar que a ausência de respostas, ao contrário do que parece, é sempre algo interessante, pela razão óbvia de abrir novamente a possibilidade de se pensar na pergunta. E é aí que está toda a graça da brincadeira. Assim, entra ano, sai ano, e uma dessas, que inevitavelmente volta à baila, é a seguinte: por que ler os clássicos?

De saída, a primeira dificuldade que assombra tal pergunta é a de justamente tentar definir o que diabo é um clássico literário. A despeito da própria "elasticidade" do termo comportar várias definições, a obra clássica pode ser pensada como aquela que, ao longo do tempo, acaba por se tornar um referencial fundante para a literatura, seja em termos locais, seja em termos universais. Ou ainda para usar uma das dezesseis possibilida-

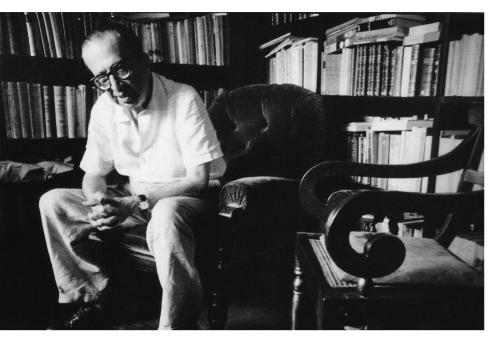
des de definição do dicionário Aurélio — que, aliás, é um clássico —: "Diz-se de ou obra ou autor que, por sua originalidade, pureza de expressão e forma irrepreensível, constitui modelo digno de imitação". Em resumo, é possível associar à ideia de obra clássica tanto à necessidade de certo reconhecimento ao longo do tempo, quanto à verdade de que, fatalmente, ela se tornará um modelo para outros autores. Ambos, obviamente, chancelados por leitores e críticos.

De fato, tempo e modelo são dois pontos de partida interessantes. Ainda que se possa dizer que algumas obras sejam clássicas de nascença, a maturação do tempo costuma ser a prova dos nove de uma obra literária, permitindo que olhares críticos dos mais diversos matizes se debrucem sobre ela, confirmando ou não o seu estatuto. Sem maiores dificuldades, é perceptível que várias obras literárias transcendem seu próprio tempo histórico e, a cada nova leitura, continuam a suscitar discussões, ampliando o alcance do debate estético em torno delas. E mesmo hoje, quando quase tudo se torna descartável e leva, erroneamente, alguns leitores e críticos a acharem que o diálogo necessário com a história, e consequentemente com a tradição, não serve para nada em literatura, não é possível fugir dessa simples verdade, isto é, a de que o indício de perenidade de uma obra só vem mesmo com o tempo.

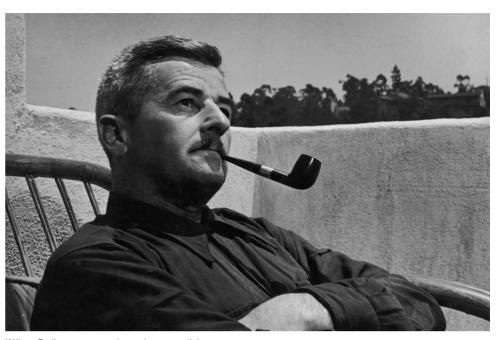
Já quanto à noção de modelo (e modelo deve ser aqui pensado de maneira mais ampla e não apenas no sentido aristotélico do termo consagrado pela crítica), é preciso levar sempre em conta que algumas obras, construídas a partir de premissas estéticas algo datadas, transformam-se em modelos não apenas em função do comprometimento exemplar de seus autores para com tais premissas, mas porque, na verdade, elas trazem em si algo a mais, algo que, se compreendido, amplia, e muito, a capacidade de o leitor sentir e entender o



CAPA | CLÁSSICOS



Manuel Bandeira, considerado um dos autores canônicos de nossa literatura.



William Faulkner escreveu alguns dos mais célebres romances norte-americanos.



Homero escreveu a *llíada*, um dos pilares da literatura ocidental.

de entranhar inquietações na alma do leitor, sobretudo quando tematizam problemas e situações que, no limite, preocupam-se — a todo o momento — em lembrar ao ser humano que este não pode se esquecer de sua própria humanidade."

mundo e suas inerentes contradições. Em outras palavras, bem lido, o texto clássico tem o poder (talvez secreto?) de entranhar inquietações na alma do leitor, sobretudo quando tematizam problemas e situações que, no limite, preocupam-se — a todo o momento — em lembrar ao ser humano que este não pode se esquecer de sua própria humanidade. Nessa mesma direção, o crítico Antonio Candido, discutindo o direito universal à fruição da arte, observa com a lucidez de sempre que a literatura "desenvolve em nós a quota de humanida-

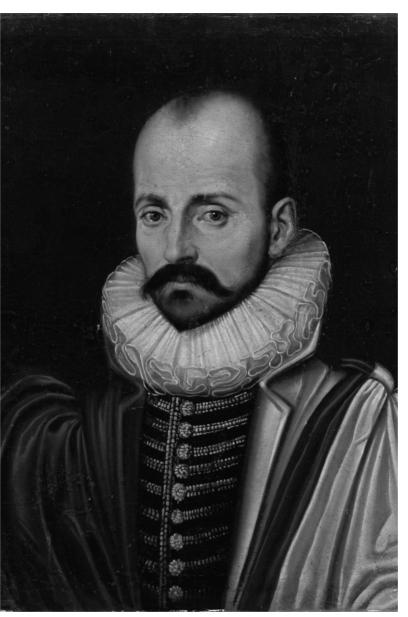
de na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante". E nos dias de hoje, regidos pela lógica do individualismo e do sucesso a qualquer preço, a lembrança de humanidade é absolutamente necessária.

A leitura de um clássico, no entanto, pode apresentar eventuais dificuldades. Às vezes, a própria palavra "clássico" cria no leitor um anteparo de medo que não apenas o constrange mas, o que é pior, afasta-o do livro. Mas, como se sabe, o conhecimento não é algo dado

assim de graça, é preciso buscá-lo. Com um pouco de esforço, já que os percalços intelectuais também legitimam o saber, o leitor poderá conhecer mundos e personagens que são paradigmas fundamentais da própria cultura universal. Afinal de contas, a experiência de ler obras, por exemplo, como as de Homero, Shakespeare, Cervantes, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, é um convite permanente à reflexão, seja sobre o mundo, seja sobre o indivíduo. Um grande texto nunca se esgota na primeira leitura, sempre existe alguma coisa a ser percebida ou algum segredo a ser decifrado. Aliás, talvez por causa dessa mesma percepção, é que o escritor italiano Italo Calvino, em livro famoso, cujo título é o mesmo deste artigo, tenha observado com todas as letras que "clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: estou relendo e nunca estou lendo".

De todo modo, lendo ou relendo, o que de fato importa é que a leitura de um clássico é antes de qualquer coisa um passaporte seguro que pode muito bem conduzir o leitor a um saber reflexivo e (por que não?) ao prazer. E, no caso brasileiro, cuja democratização universal ao acesso à cultura letrada, a despeito dos progressos, ainda está por vir, ela é ainda mais necessária. País justo é o que prima pela educação e disseminar livros (clássicos ou não) já é um bom começo. Então é preciso sempre ler pela primeira ou enésima vez, já que a literatura e os clássicos de modo geral são igualmente formas especiais de conhecimento que ajudam o leitor, ainda segundo mestre [Antonio] Candido, a não apenas "conhecer os sentimentos e a sociedade", mas, sobretudo, "a tomar posição em face deles". Ou seja, ter uma posição crítica sobre o mundo passa inevitavelmente pela reflexão sobre ele, e os clássicos estão aí para serem lidos.

Enfim, para citar um clássico brasileiro, se "viver é", de fato, "muito perigo-



Montaigne, autor dos célebres Ensaios.

so", ler um clássico é, nesse sentido, igualmente um risco, já que, na maioria das vezes, existe a real possibilidade de o leitor (ainda que desprevenido) sair do livro um pouco melhor do que quando entrou nele, o que, de todo modo, já é um ganho significativo. Ou então, para rematar a questão, e recorrendo outra vez a Ítalo Calvino, nada como a velha e boa obviedade: "a única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos". Quem ler, verá...



Wilton José Marques

é professor de Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e autor de Gonçalves Dias: o poeta na contramão (2010) (Prêmio Jabuti/2011). Vive em Campinas (SP).

Caminhos que levam aos clássicos

DA REDAÇÃO

studiosos do processo literário já escreveram livros a respeito das obras fundamentais e, para quem tiver interesse em conhecer ainda mais os clássicos, vale a leitura dos trabalhos de Harold Bloom, sobretudo Gênio — os 100 autores mais criativos da história da literatura. Na extensa obra (são 828 páginas na edição brasileira), o professor da Universidade de Nova York faz uma leitura crítica e explicativa da obra e da vida de grandes nomes da literatura de todos os tempos, de William Shakespeare a William Faulkner, de Homero a Ernest Hemingway — ainda há espaço para Machado de Assis. Bloom afirma que Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado, "é uma obra-prima".

50 clássicos que não podem faltar em sua biblioteca, de autoria da crítica literária Jane Gleeson-White, é outro guia que aponta grandes textos de ficção e traz informações sobre o contexto no qual as obras foram escritas.

Na década de 1960, o escritor Carlos Heitor Cony adaptou grandes clássicos da literatura, como O Ateneu, de Raul Pompeia. José Louzeiro adaptou O cortiço, de Aluísio de Azevedo. Há inúmeros projetos similares que seguem até hoje. A editora gaúcha L&PM, por exemplo, tem a coleção "É só o começo": são clássicos para "neoleitores", com livros com enredos simplificados. No catálogo, Romeu e Julieta, de William Shakespeare, e O guarani, de José de Alencar, entre outros.

Há, inclusive, adaptações que trazem, em um mesmo exemplar, mais de um título. É a proposta da coleção "Três por Três", da Editora Saraiva. Entre as publicações do projeto, destaca-se Três famílias — com Eugênia Grandet, de Honoré de Balzac, e Orgulho e preconceito, de Jane Austen, ambos adaptados por Dionisio Jacob, autor do terceiro livro incluído no volume, Vampíria.

São caminhos que têm por finalidade aproximar os leitores dos grandes textos de todos os tempos. ■

CONTO | LUÍS ROBERTO AMÁBILE

O HERÓI PELUDINHO

llustração: **Felipe** Rodrigues

agro demais, o nariz grande demais, os pelos nascendo demais, a qualquer hora, de repente, a qualquer momento, incontrolável. Esta é a situação do herói numa noite de lua minguante de 1990.

O herói tem 13 anos e apenas começa a se dar conta de que não entende quase nada. Entende um pouco de filmes, isso é verdade. Sempre se empolgou com filmes, desde O pássaro azul e a Branca de neve na sessão da tarde e depois todos os Supermans e Rockys e os Karatê Kid e, claro, como não?, De volta para o futuro, e tantos outros, tantos, e ainda aquele que não se lembra o nome, nem é um filme tão bem feito, mas antes de dormir ele vive se lembrando, o da professora que se perde com a turma de crianças numa caverna e, em algum momento, ela fica só com a roupa de baixo, a professora de calcinha e sutiã, mergulhando num rio subterrâneo para achar a saída da caverna.

Então o herói sempre gostou de assistir a filmes, todo mundo gosta, mas ele mais. E ultimamente atingiu outro nível. Transformou-se num cineMANÍACO.

Vai ao cinema toda semana, uma vez pelo menos (iria mais, mas só há uma sala na cidadezinha, que exibe o mesmo filme a semana toda, às vezes repete por duas semanas). O videocassete foi inventado para ele, a videolocadora sendo seu paraíso. E as revistas. O herói devora Set, Cinemim, VideoNews e tudo o que lhe cair nas mãos. Ler sobre filmes é quase um orgasmo, mesmo que ele não saiba direito o que é isso (até sabe, mas não entende). E com o guia...

Sua leitura de cabeceira, a que lhe dá mais prazer, é uma enciclopédia de astros e estrelas. Lê e relê a se imaginar um deles. Claro, mora em outro país, que quase nem faz filmes, mas ele ainda é novo, e tem um ótimo plano. Já está tudo planejado, na verdade. Vai escrever seus próprios roteiros, só está estruturando (nos mínimos detalhes) as histórias em sua cabeça antes de pôr no papel. Mas vai ser em breve, até já reservou um caderno, aquele com a capa translúcida do Indiana Jones e a última cruzada. Levantará todo dia no escuro, às cinco e, escreverá vertiginosamente até as seis. Antes da realidade bater na porta do quarto (Filho, vou fazer café, se arruma) e ele ser obrigado a mergulhar no mundo de todo dia, ele vai criar o seu próprio.

Então ele adora ler sobre a vida dos astros, projetando um astro e projetando--se e delirando com as atrizes. Com muitas passaria a noite, com outras teria um caso, nada sério, e com algumas namoraria por um tempo. E com uma, uma só, o, depois de dormir com tantas, herói casaria: KIM BASINGER, a estrela de Batman, Encontro às escuras e 9 1/2 semanas de amor.

Kim Basinger nasceu vinte quatro anos antes dele. Ela tem 37, a idade da mãe dele. Mas o que importa isso? O herói nem imagina a existência do complexo de Édipo, Kim Basinger é a mulher ideal e ele só quer uma vida ao lado dela numa mansão nas colinas da Hollywood. KIM BASINGER, ele pensa no espelho ainda embaçado pelo vapor do chuveiro e enxerga mais uma vez o nariz enorme e seboso, cheio de pontinhos pretos. Um astro narigudo? É preciso ter esperança, ele é jovem e pode fazer uma operação plástica. Se o Michael Jackson mudou de cor, ele pode ficar com um nariz perfeito. E os músculos? O Tom Cruise não tem músculos? O Rob Lowe? O Corey Haim? Até o Michael J. Fox tem músculos. Mas músculos se conseguem, eu ainda vou encorpar, posso fazer academia, eu NÃO sou um caso



perdido, EU TENHO JEITO. E o jovem herói desajeitado se anima mais uma vez, esperançoso num futuro cinematográfico.

E chega de pensar, porque uma característica dos heróis, além de serem homens de valor, magnânimos, é que também são homens de ação, sobretudo agem, interferindo no mundo, até se sacrificando para mudá-lo. E chega de pensar porque o pai (heroísmo não genético, ele já chegou a essa conclusão) está batendo na porta do banheiro, a família de saída para a casa dos tios do herói, aniversário de seis anos da prima.

Espreme o nariz para fazer saltar os pretos e, de nariz vermelho, se veste depressa.

O grosso da festa é nos fundos da casa, numa pequena área, onde o tio faz churrasco e todos se apertam para comer e beber. Mas o herói nem vai até lá para sentir-se deslocado entre os familiares e os conhecidos de sempre. Fica na área da frente, olhando sozinho o não-movimento da rua por um tempo, depois prestando atenção ao movimento das crianças menores, a sua prima, as colegas, a Lidiane. Tenta conversar com os meninos-homens da sua idade. Troca impressões com o Polenta e o Buru sobre Distrito Industrial, que acabou de ser inaugurado e tem poucas indústrias e muitas ruas de terra. Combinam de talvez andar de bicicleta por lá no fim de semana. Falam também de desligar a chave de luz.

A chave de luz fica ali na frente, todos os adultos estão nos fundos, e no Sociedade dos Poetas Mortos o Robin Williams de professor sobe na cadeira e pede para os alunos fazerem o mesmo: "Vejam o mundo de uma perspectiva diferente!". E fazer as luzes se apagarem não seria um outro modo de ver aquela realidade? No escuro as pessoas poderiam se revelar. Tudo isso passa pela cabeça dele, não de forma ordenada, não que ele saiba exatamente, e nada disso ele diz ao Polenta e ao Buru. Apenas solta algo como "Pô, ia ser legal apagar a luz", eles concordam, e a Lidiane passa saltitante.

O herói gosta de escuro, da penumbra, do lusco-fusco. A sala de cinema não é assim? E uma súbita escuridão poderia dar uma animada, talvez abalando as certezas de mais uma festa de família. Vocês topam? Mas o Polenta e o Buru não são heróis. Eles receiam, e não que o herói não receie, ele não é medroso, como todo herói que se preze ele enfrenta os seus medos. Eles davam cobertura pelo menos? Ficavam quietos?

O Polenta e o Buru vão ficar quietos, mas vão para os fundos, abandonando o herói no meio das crianças, da Lidiane.

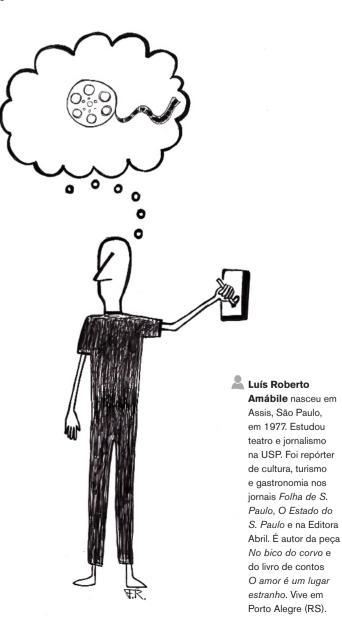
O herói está sozinho, e a Lidiane, mas quando não esteve?, e a Lidiane, mas que herói não está?

A Lidiane tem uns sete anos e o herói pode jurar que ela é a versão mirim da Kim Basinger. A Lidiane é loirinha, loirinha, de lindos olhinhos cor de mel e narizinho arrebitado, e pelinhos do braço descoloridos pelo sol que ela toma enquanto brinca nalguma piscina de plástico daquela de armar. Obviamente os braços, talvez as pernas, são os únicos lugares em que nascem pelos na Lidiane, mas no futuro... E a Lidiane tampouco tem peitos como a Kim Basinger, nada de peitos para Lidiane, mas no futuro... Ah, se o herói tivesse um carro com porta que abre para cima movido a plutônio que viajasse no tempo. Mas chega de projetar, o futuro é agora, ele é um herói de ação, e cortaram o cabelo da Lidiane como o da Kim Basinger em 9/2 semanas de amor, a pequena e curvilínea Lidiane... E vai acontecer de novo, ele pode sentir, é como nos filmes, o herói agora já sabe, é uma das poucas coisas que ele sabe (apesar de não entender), a metamorfose. Olha lá a Lidiane com seus pequenos lábios grossos e cabelos levemente encaracolados e cortados na altura dos ombros... E nem é noite de lua cheia, mas nem precisa, ele é um lobisomem diferente, ah, ele e a Kim Basinger andando abraçados no cais, ele e seu corpo a ficar peludo, a Kim Basinger dançando de camisola rosa, como ele pode explicar? Ele ainda não se acostumou, e a Kim Basinger só de chapéu, os cabelos cacheados na altura do ombro, os cabelos fugindo do chapéu, as roupas fugindo da Kim Basinger, ela só de chapéu e ele todo peludo, duramente peludo... Que dureza, como explicar? E mesmo com a música que vem do fundo consegue escutar o creque dos botões da chave de luz, e os adultos gritam no fundo da casa, e as crianças gritam ali perto dele, e cadê a Lidiane com aquela bundinha já arredondando e o arzinho inocente?

E o jovem lobisomem se dobra para falar com a Lidiane, tão mais baixa que ela é, que delícia de baixinha que lembra a Kim Basinger. E o heroizinho maníaco desliza, mas com atrito, suas mãos peludinhas pela Lidiane, que faz uma cara de quem não está entendendo nada, de novo ele repara nos pequenos lábios grossos dela, agora entreabertos, bem Kim Basinger mesmo.

Auuuuu!

Logo depois ele acendeu a luz e já vinham adultos reclamando. Que tinha de ser você, né, Nelsinho? E ele foi para a rua sem dizer nada. Ficou olhando a lua minguante, a lua torta no céu, e ele a olhando e tentando voltar a pensar. E uivando.



Bibliopraia levou mais de 21 mil veranistas às bibliotecas

Projeto ofereceu aos veranistas opções de leitura em cinco pontos do litoral do Estado

THAÍS OLIVEIRA

ntre 20 de dezembro de 2012 e 17 de fevereiro de 2013, o projeto Bibliopraia atendeu mais de 21 mil veranistas. Integrando a Operação Verão do Governo do Estado, as Bibliopraia funcionaram em 5 pontos do litoral paranaense, cada uma com 1.200 títulos. Os veranistas puderam emprestar gratuitamente obras de literatura brasileira e internacional, além de títulos infantojuvenis. "Os números mostram que a iniciativa foi um sucesso. Pretendemos repetir a ação na próxima temporada e também levar os módulos para outros municípios durante o ano. Com o Bibliopraia, estamos contribuindo para atingir uma meta importante para a cultura, que é transformar o Paraná num Estado de leitores", diz o secretário de estado da Cultura, Paulino Viapiana.

Além da alta circulação de pessoas e do bom índice de empréstimo, outras atividades movimentaram os módulos. Grupos de contação de histórias e de teatro de bonecos fizeram apresentações regulares na praia de Ipanema, sempre aos domingos.

Grande parte desse movimento se deu por conta do público infantil. Algumas crianças chegaram a acumular



mais de 10 empréstimos. Diário de um banana, de Jeff Kinney, foi o título mais concorrido. Caroline Michely, estudante da UFPR do litoral, trabalhou como atendente no módulo de Guaratuba e conta que as crianças dificilmente resistem aos livros vistosos e ilustrados. "Muitas crianças têm procurado novas leituras. E nem sempre são os pais que incentivam. Muitas vezes elas passam, veem aqueles livros ilustrados, e arrastam os pais pelas mãos até a biblioteca", conta Caroline, que destaca a qualidade e o bom estado dos livros disponíveis.

Reforçando a onda infantil, a jovem leitora Eduarda Ribeiro, de 8 anos, ficou empolgada com os livros disponíveis. "Gostei de ter uma biblioteca aqui na praia. Com os livros, pude me distrair à noite, quando não tinha sol", diz. Moradora de Almirante Tamandaré, em férias em Guaratuba, os livros que marcaram o seu verão foram Festa de Aniversário, da escritora Meredith Badger, e Em cima e embaixo, de Janet Stevens. Leitora assídua, Eduarda costuma frequentar a biblioteca da escola onde estuda, e lá adquiriu gosto pela leitura.

Os mais procurados

Marta Sienna, chefe da Divisão de Extensão da BPP e responsável pelos módulos do litoral, conta que a procura de livros reproduziu a preferência de mercado. Best-sellers e autores consagrados foram os mais disputados. A badalada saga Cinquenta tons de cinza, Cinquenta tons mais escuros e Cinquenta tons de liberdade, da britânica E. L. James, não parou nas estantes litorâneas.

Gênero tão popular quanto os best-sellers, a literatura de fantasia também fez sucesso. A advogada curitibana Andressa Kunze emprestou A batalha do apocalipse, de Eduardo Spohr. Leitora assídua, Andressa aprovou a ideia de ter uma biblioteca na praia. "Além dos livros que leio por causa da profissão, costumo ler quatro livros por mês. Já tenho o hábito da leitura durante o ano e uma biblioteca na praia facilitou ainda mais o acesso", comenta.

Além da curitibana Andressa, veranistas de todo o Estado prestigiaram a iniciativa. Desde 20 de dezembro, quando a primeira Bibliopraia foi instalada em Caiobá, na Praia Brava, leitores de Londrina, Campo Mourão, Guarapuava, Maringá e Cascavel circularam com frequência entre os módulos.

Marta Sienna acredita que a iniciativa permite um novo tipo de entretenimento para o veranista. "Já é tradição ter ginástica, música e atividades de dança, mas raramente tem um projeto que promova a leitura. Então, de certo modo, conseguimos suprir essa carência", diz.

Além do empréstimo gratuito de livros, também aconteceram contação de histórias, apresentação de grupo de teatro de bonecos em alguns quiosques. Os módulos, construídos especialmente para o projeto, irão circular por outros municípios do Paraná entre março e outubro.

Ilustração: **Nina** Moraes

POESIA Bárbara Lia

Azul desmoronado

Picasso pintava azul a certeza de que a cor não diz - Alegria Nem diz céu, eternidade ou amor... Voos, êxtase ou ciranda Azul é uma menina na mesa, sopa fria em uma casa vazia Azul a morena triste de braços cruzados no salão de baile Dança com a solidão iluminada pela fosforescência do ar Azul o dorso nu da mulher no balcão - azul bar da solidão Azul dor em eternidade que Picasso imprime:

Um cego no desjejum tateia a mesa, tateia a jarra, o leite Desfere nas narinas o acre cheiro da vida e a branca luz Que ele nunca vê. Ele tateia e parte o pão, qual um Cristo Desolado a sós na mesa rala, a sós sem onze seguidores...

Poderá um Cego guiar a outro cego?

Poderá um cego guiar?

Poderá um cego?

Azul fase do esquecimento, o andar lento, as mariposas, A casa, o adeus na hora morta, um sorriso atrás da porta,... Desmorona meu amor pelo azul neste alerta de Picasso Imagens caindo em cenas pétreas, em telas de tule: Meninos e velhos cegos. Meninas e mulheres tristes. Picasso pintou-me:

Solidão à beira-mar, agonia de bandolim rouco nas mãos Tardio encontro com a cor do não, a cor da dor da dura dor

Todo o azul que é meu, que foi de Picasso

Antes de brotar rosa a beleza

A certeza da outra cor

A cor de luz vaporosa:

Todo rosa, todo rosa, todo rosa...

A revelar que o amor é um menino sentado

Um cachimbo nas mãos

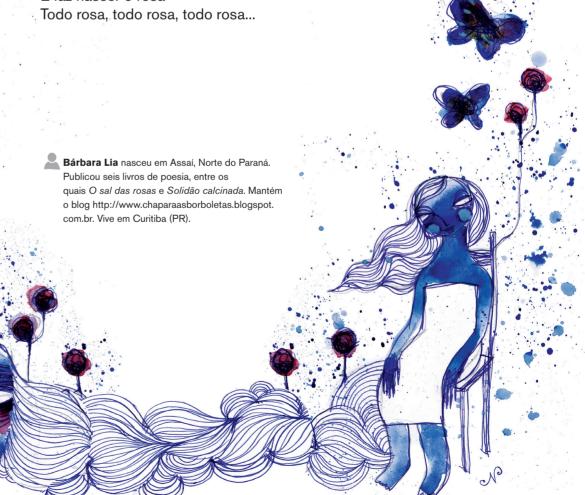
Guirlanda de flores nos cabelos

Um olhar que atravessa o ontem

Aniquila a saudade latente

A lágrima ardorosa

E faz nascer o rosa



RETRATO DE UM ARTISTA | JORGE LUIS BORGES

JORGE LUIS BORGES

Por **José** Marconi

Um dos mais importantes autores da literatura universal, Borges nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 24 de agosto de 1899. Cresceu em uma casa onde havia uma imensa biblioteca, o que foi fundamental para o futuro escritor. Dono de uma cultura enciclopédica, é autor de livros célebres, entre os quais Ficções (1944) e *O aleph* (1949). Antes, na década de 1920, ele se afirmou como poeta e ensaísta em sua cidade natal, que passava por um período de intensa efervescência cultural. Entre 1937 e 1946, atuou na Biblioteca Municipal de Buenos Aires e, de 1955 a 1973, foi o diretor da Biblioteca Nacional da República da Argentina. Ele perderia, lentamente, a visão antes de morrer, em 14 de junho de 1986, em Genebra, na Suíca. Mas, ainda em vida, foi reconhecido, com prêmios, como o Prêmio de Fomento às Editoras Internacionais, em 1961, e também pelos colegas de ofício e, sobretudo, pelo público leitor de todo o mundo. Poliglota, foi tradutor. Acima de tudo, criou um estilo único, até hoje admirado e copiado. O adjetivo borgiano é utilizado para designar um texto que apresenta características da ficção de Borges, que conseguia aliar prosa imaginativa com mitos, sonhos, labirintos, reinvenção de lendas, entre outras questões.



José Marconi é ilustrador e professor de design.

